

Louise Lima Karczeski

**MULHERES EM DES(ASSOCIAÇÃO):
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE OS
MECANISMOS DE FORMAÇÃO DAS BOLHAS PRÓ E
CONTRA BOLSONARO NO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de curso
submetido ao departamento de
Ciências Sociais da Universidade
Federal de Santa Catarina para a
obtenção do Grau de bacharel em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof^ª. Dra. Leticia Maria
Costa da Nóbrega Cesarino

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Karczeski, Louise Lima. Mulheres em des(associação): um estudo antropológico sobre os mecanismos de formação das bolhas pró e contra Bolsonaro no Facebook / Louise Lima Karczeski ; orientadora, Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino, 2018. 107 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Bolhas. 3. Polarização Política. 4. Antropologia digital. I. Cesarino, Letícia Maria Costa da Nóbrega . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Louise Lima Karczeski

**MULHERES EM (DES)ASSOCIAÇÃO: UM ESTUDO
ANTROPOLÓGICO SOBRE OS MECANISMOS DE
FORMAÇÃO DAS BOLHAS PRÓ E CONTRA BOLSONARO
NO FACEBOOK**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de bacharel e aprovada em sua forma final pelo Programa de graduação em Ciências Sociais.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2018.

Prof. Tiago Daher Padovezi Borges, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Gabriel Coutinho Barbosa, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Jacques Mick, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Enio e Elisabete pelo suporte durante os últimos quatro anos e todos outros. Pela paciência, o respeito, o zelo, a confiança e por me ensinarem que às vezes o amor não fala, mas age. Constantemente sou lembrada da extraordinariedade dos que tenho o privilégio de chamar de “pais”, obrigada.

Agradeço à minha orientadora Leticia, pela curiosidade e a abertura com que recebeu minhas ideias e me guiou ao longo desse angustiante processo de introdução à pesquisa. Estendo os agradecimentos aos professores da graduação que suscitaram as questões que possibilitaram a realização deste trabalho, especialmente aos que fizeram da antropologia algo familiar.

Aos amigos, que não nomearei sob o receio de desmerecer a importância dos olhares empáticos, cafés confessionais ou mensagens do zap compartilhados, digo que minha admiração vai além do que cabe a esta página de agradecimentos e que me falta talento para transcrever o tamanho da estima que guardo por cada momento vivido com vocês, desde os mais serenos aos cercados por bananeiras. À “minha rede de apoio fortalecida”, feita das que amo desde os tempos de bhaskaras e posões; dos meus amigos feios, que amo desde os primeiros almoços no RU e afetos forçados; dos que amo desde madrugadas duvidosas, destinadas a churrascos infinitos ou postos de guerra: obrigada por existirem, daria muito trabalho imaginar vocês.

They [anthropologists] do not have to buy into the anticipatory effect of imagining that a culture is about to be "created" by science and technology. That is a real-world fantasy (like the real world, culture is always elsewhere). Rather they might recognise in "technology" (an apparatus that at once makes the workings of things explicit and is identifiable by how it works) the same figure they are familiar with in (say) the "participant observer": simultaneously the register of the social life that he/she makes visible and an interventionist in it, for every participant observer must make social relations work. There is nothing "posthuman" about this complex figuration. (Marilyn Strathern, em comentário ao texto *Welcome to Cyberia: Notes on the Anthropology of Cyberculture*, de Arturo Escobar)

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre a temática das bolhas de informação na internet, caracterizadas enquanto ambientes em que circulam informações que reforçam noções preexistentes dos sujeitos que participam deles, excluindo conteúdos que desafiam essas noções. Com o objetivo de fornecer uma perspectiva alternativa às pesquisas mais recentes sobre o tema, no geral pautadas em estudos quantitativos sobre o contato dos sujeitos online com a informação divergente, desenvolvi um projeto etnográfico, buscando explicitar nuances que a pesquisa qualitativa permite identificar. Escolhi como campo dois grupos do Facebook que apresentaram os aspectos ideais do que tem sido conceituado como “bolhas” na academia e na esfera pública: um grupo de apoio e um de oposição ao candidato à presidência brasileira em 2018, Jair Bolsonaro. Ambos os grupos foram direcionados às mulheres e apresentaram crescimento exponencial durante o período da campanha e eleições, agregando milhões de participantes. Restringi minha pesquisa ao período eleitoral e, no desenvolvimento do texto, apresento primeiramente uma revisão bibliográfica da literatura sobre as bolhas, com foco no autor mais referenciado dentro da temática, Eli Pariser. Logo após, faço uma descrição do que foi observado em campo, atentando para o modo como os dois grupos adversários mobilizaram estratégias similares na perseguição das suas metas e na demarcação de fronteiras de grupos, envolvendo movimentos como a atribuição de *fake news* aos adversários e a deslegitimação das autoridades tradicionais de formação de opinião. Finalmente, utilizo os conceitos de “cismogênese” e “enquadre” conforme elaborados por Gregory Bateson, auxiliados pelos desenvolvimentos de Mary Douglas sobre ordem/desordem como polos classificatórios, para pensar uma polarização que se dá em níveis metacomunicativos e metalinguísticos e argumentar sobre a centralidade da agência humana no processo de formação das bolhas, que age em interação com a agência maquina.

Palavras-chave: Bolhas. Polarização Política. Antropologia digital. Cismogênese.

ABSTRACT

This work focuses on the subject of the “information bubbles” on the internet, characterized as environments in which the information allowed to circulate only reinforces preexisting views of the individuals that participate in them and the content that defies those views is excluded. In order to provide an alternative perspective to the most recent researches on the topic, more focused on the application of quantitative methods of analysis to study the contact of the individuals with divergent information online, I developed an ethnographic project with the intention of pointing the nuances on the interactions that qualitative research allows us to identify. My field consisted of two Facebook groups that presented aspects of what is ideally conceptualized as “bubbles” in the public sphere and the academia: a support group and an opposition group revolving around the presidential candidate to the Brazilian elections of 2018, Jair Bolsonaro. Both groups consisted of female members and exhibited exponential growth during the campaigns and the election seasons, bringing together millions of members. I restricted my research to the electoral period and I begin this work presenting a bibliographical review of the literature on the bubbles, focusing on the most referenced author on the subject, Eli Pariser. In chapter two, I offer a description of my findings in the field, pointing how the two opposing groups mobilized similar strategies on the pursue of their goals and in demarcating group boundaries, involving movements such as accusing the adversaries of disseminating fake news and the delegitimization of traditional opinion-forming authorities. Finally, in chapter three, I use the concepts “schismogenesis” and “framing” as elaborated by Gregory Bateson, in association with Mary Douglas’ developments about order/disorder as classificatory poles to think about the phenomenon of political polarization as something that occurs at metacommunicational and metalinguistical levels. Then, I argue about the centrality of human agency in the formation of bubbles, which works in interaction with machinic agency.

Keywords: Bubbles. Political Polarization. Digital Anthropology. Schismogenesis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - MUCB: descrição do grupo.....	36
Figura 2 - MUCB: convocação para “primeira manifestação online”... 38	
Figura 3 - MCB #17: repercussão sobre o hack do MUCB.....	40
Figura 4 - MCB #17: Narrativa sobre a criação do MUCB.....	41
Figura 5 - MUCB: nota sobre a recuperação do grupo.....	43
Figura 6 - MUCB: denúncia de infiltradas.....	44
Figura 7 – MCB #17: reação às suspeitas de infiltradas no grupo	45
Figura 8 - MCB #17: repercussão sobre as infiltradas	46
Figura 9 - MUCB: sobre a repercussão das manifestações na mídia tradicional.....	49
Figura 10 - MUCB: denúncia de fake news sobre manifestações favoráveis a Bolsonaro	50
Figura 11 - MCB #17: sobre repercussão das manifestações favoráveis e contrárias a Bolsonaro.....	51
Figura 12 - MUCB: grupo se organiza pela supressão do conteúdo sobre Bolsonaro em prol da campanha de Haddad	54
Figura 13 - MCB #17: grupo se organiza pela supressão do conteúdo sobre Haddad em prol da campanha de Bolsonaro	55
Figura 14 - MCB #17: comparação entre as esposas dos candidatos....	56
Figura 15 - MCB #17: Eduardo Bolsonaro compara mulheres de direita e esquerda.....	58
Figura 16 - MUCB: repercussão da fala de Eduardo Bolsonaro	59
Figura 17 - MCB#17: caracterização das feministas.....	60
Figura 18 - MUCB: participantes associam ódio ao PT ao ódio a minorias.....	61
Figura 19 - MCB #17: denúncia de ataques a minorias favoráveis a Bolsonaro	62
Figura 20 - MCB#17: posicionamento de Agustin Fernandez a favor de Bolsonaro	63
Figura 21 - MUCB: PT vence primeiro turno em todo o Nordeste.....	64
Figura 22 - MCB #17: participante nordestina anuncia saída do grupo	66
Figura 23 - MCB #17: grupo trabalha para conter ofensas a nordestinos após primeiro turno	66
Figura 24 - MCB #17: relatos de urnas fraudadas durante o primeiro turno	68
Figura 25 - MUCB: mobilização contra o movimento sobre as supostas urnas fraudadas.....	70

Figura 26 - MCB #17: eleitorado assume a responsabilidade pela campanha pró-Bolsonaro nas mídias sociais.....	72
Figura 27 - MUCB: participantes cobram posicionamento da rede Record mediante suspeitas de caixa 2 na campanha Bolsonaro.....	73
Figura 28 - MCB #17: repercussão da divulgação das pesquisas eleitorais na rede Globo, indicando queda nas intenções de voto para Bolsonaro	75
Figura 29 – MUCB: sobre repercussão das denúncias de caixa 2 na campanha Bolsonaro na rede Globo	76
Figura 30 - MUCB: grupo reivindica comparecimento de Bolsonaro aos debates do segundo turno.....	77
Figura 31 - MCB #17: grupo apoia recusa de Bolsonaro aos debates do segundo turno.....	78
Figura 32 - MUCB: reestruturação do grupo pós-eleições	80
Figura 33 - MCB #17: grupo mantém foco político após eleições	82
Figura 34 - MCB #17: participantes se referem a Bolsonaro como “primeiro presidente eleito pelas redes sociais”	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 – CONTEXTO DE PESQUISA.....	17
1.1 O advento das “bolhas” no debate político	18
1.2 Aspectos metodológicos: a pesquisa em mídias sociais e a convergência do <i>online</i> e <i>off-line</i>	25
1.3 As mídias sociais no contexto brasileiro	29
2 – CAMPO: MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO E MULHERES COM BOLSONARO #17	32
2.1 Controvérsias iniciais: formação e organização dos grupos	35
2.1.1. #EleNao	35
2.1.2 Manifestação silenciosa	37
2.1.3 Hack	38
2.1.4 Infiltradas	42
2.1.5 Manifestações nas ruas	46
2.2 Primeiro turno: consolidação e complexificação de relações antagônicas	52
2.2.1 Positivação da campanha no MUCB e fechamento dos grupos....	53
2.2.2 Mulheres de direita/ mulheres de esquerda	55
2.2.3 Nordeste	63
2.2.4 Fraude nas urnas	67
2.3. “Presidente eleito pelas redes sociais”: fase final do período eleitoral e deslegitimação da mídia tradicional	71
2.3.1 Denúncias de caixa 2 na campanha Bolsonaro	71
2.3.2 Debates	77
2.3.4 Eleição de Bolsonaro e reestruturação política dos grupos	79
3 – A POLARIZAÇÃO ENTRE OS GRUPOS: PROCESSOS CISMOGÊNICOS E ENQUADRES EM DISPUTA	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de um interesse longamente nutrido e continuamente reformulado a fim de adequá-lo aos meus propósitos acadêmicos. As numerosas mutações no que considerei meu objeto até o estabelecimento do que estimulou a presente pesquisa dificultam o processo de reconstituição daquilo que configurou minha curiosidade inicial, mas de modo geral minha preocupação original era concernente ao que o advento da internet, enquanto um espaço de interação massivamente utilizado, significaria em termos de expansão de mecanismos para participação democrática.

Pouco a pouco, as leituras realizadas para a elaboração de um projeto permitiram uma familiarização com essa temática já amplamente estudada e me deparei com a bifurcação entre duas linhas de pesquisa que marcaram as primeiras pesquisas sobre o “ciberespaço”¹. Rifiotis (2002, p. 4) dividiu essas perspectivas entre os “apologéticos”, enfáticos no potencial democrático do advento de um meio de comunicação universalizado e os “apocalípticos”, preocupados com o potencial destrutivo da distribuição informação massificada. Naturalmente, me dediquei às perspectivas pessimistas em relação à internet, atraentes visto que contestavam as minhas ideias iniciais.

Ao logo dessas leituras, entrei em contato com a literatura sobre as “bolhas” nas redes sociais, à primeira vista um problema inteiramente novo relacionado ao modo como os algoritmos das plataformas de interação online operam filtrando toda a informação destoante das preferências dos indivíduos nos seus *feeds*. Em primeiro momento, recebi essa ideia como um problema pessoal enquanto aspirante a cientista social, mas a imersão nas leituras sobre o assunto proporcionou certo alívio: parte da

¹ Termo originalmente da ficção *cyberpunk* de William Gibson, *Neuromancer*, que posteriormente serviu como noção analítica para uma série de estudos antropológicos, inclusive na UFSC, através das pesquisas do GrupCiber.

literatura indicava que o problema das bolhas é anterior à internet, às redes sociais e tudo relacionado ao mundo digital.

De qualquer forma, essa contradição de perspectivas instigou a curiosidade acadêmica sobre o tema: afinal, a tendência à criação de ambientes em que circulam apenas ideias concordantes seria ou não ampliada pelo modo como as redes sociais operam? A pesquisa que apresento aqui se constitui enquanto um esforço para pensar essa questão através de uma breve experiência etnográfica. De antemão, aponto que, como em qualquer experiência de campo, as minhas inferências alteraram muito do que imaginava que seria o ponto principal da minha análise posterior, de modo que desloquei a intenção inicial de observar a influência da ação algorítmica na formação das bolhas para as evidências da agência humana na consolidação de ambientes hostis a posições contraditórias às estabelecidas nesses, ou seja, como as pessoas agem a favor da criação desses espaços.

A partir disso, me dediquei a pensar a demarcação de fronteiras de grupos enquanto mecanismos que não se restringem nem à escala da ação algorítmica, nem aos aspectos intersubjetivos das interações, afinal há especificidades no modo como as interações digitalizadas operam. No trabalho, portanto, pretendo destacar um aspecto “híbrido” nas relações que se estabelecem nos meios digitais, no sentido em que Strathern (1996, p. 522) aponta o potencial analítico da ideia de “hibridez” na ubiquidade do conceito. Ou seja, pensar formas híbridas é uma maneira de contestar a existência de formas “puras” e, por consequência, evitar análises pautadas grandes categorias dicotômicas, fornecendo assim caminhos profícuos à pesquisa antropológica. Para meus propósitos aqui, especificamente, contribui para pensar a formação de bolhas através de associações se estabelecem entre partes de diferentes naturezas que são propiciadas no ambiente das mídias sociais.

No capítulo um, faço uma revisão bibliográfica de textos concernentes às temáticas das bolhas, começando pela obra de Eli Pariser, que cunhou e popularizou o termo filtro-bolha e passando pela literatura que contesta os apontamentos do autor. No capítulo dois, apresento os grupos do Facebook que constituíram o campo:

o grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro e o grupo Mulheres com Bolsonaro #17 (OFICIAL). Nesse, realizo uma descrição empírica de padrões recorrentes de interação entre as participantes desses ambientes a serem desenvolvidos na discussão posterior.

Finalmente, no último capítulo apresento uma possível estratégia para pensar teoricamente os padrões de associação e dissociação identificados nas interações participantes dos grupos, pensando os modos como esses indicaram processos de diferenciação cumulativa entre os dois ambientes caracterizados por posicionamentos políticos opositivos. Utilizo da obra de Gregory Bateson para argumentar sobre como os processos “cismogênicos” entre os grupos evidenciaram diferenças de “enquadres” nos dois lados, apontando um viés possível para pensar a polarização política no contexto político-eleitoral brasileiro atual.

1. CONTEXTO DE PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida enquanto uma investigação sobre a formação de “bolhas” de troca de informação, conforme têm sido caracterizadas dentro da academia e na esfera pública, promovidas supostamente através da popularização e intensificação do uso de mídias sociais e da adoção de algoritmos de filtragem de conteúdo por essas mídias. Pensando sobre as implicações do estabelecimento dessas supostas bolhas pelo viés da constituição de sujeitos políticos, a reflexão aqui também se pauta sobre o tema da polarização política nas democracias modernas num cenário de massificação de dispositivos que hipoteticamente facilitariam o encontro e enclausuramento de grupos que compartilham ideias similares.

Considerando que a pesquisa desenvolvida é de cunho etnográfico, logo apresentam-se alguns impasses metodológicos dentro da área de estudos a que nos referiremos como antropologia digital. Este capítulo é focado inicialmente na contextualização da produção bibliográfica sobre as “bolhas”, com ênfase no debate em torno dos algoritmos enquadrados no conceito de “filtro-bolha”,

segundo Eli Pariser, com a intenção de fornecer o contexto para os debates subsequentes acerca da temática que nos interessa. Após, trata-se das questões metodológicas colocadas ao longo do trabalho acerca da identificação da agência humana na formação das bolhas. Finalmente, há uma breve exposição acerca das controvérsias recentes sobre o uso de mídias sociais no cenário nacional.

1.1 O advento das “bolhas” no debate político

Em 2011, o ativista Eli Pariser publicou o livro *O Filtro Invisível*, no qual cunhou o termo “filtro-bolha” para referir-se aos algoritmos de personalização sendo aplicados em sites como o Google, o Youtube e o Facebook para customizar os conteúdos exibidos para cada usuário de acordo com suas preferências e hábitos; de acordo com quem são. Com isso, Pariser pretendia alertar sobre a tendência à personalização na internet e sobre o que a “informação personalizada” significaria em termos da comunicação entre grupos de ideias discrepantes - fundamentalmente, o que isso significaria para os novos modos de lidar com ideias e informação e o aumento da polarização política.

A partir disso, o tópico das bolhas de informação passou a fazer parte do imaginário público, mas foi em 2016 que a cobertura sobre o tema atingiu seu auge, logo após a eleição presidencial norte-americana. Escrevendo para a *Forbes*, Leetaru (2017), aponta que de acordo com os dados do GDELT Project 86% da cobertura de notícias sobre o filtro-bolha em língua inglesa durante o período de janeiro de 2017 a dezembro de 2017 foi produzida imediatamente após o dia da eleição de Donald Trump.

Observou-se, ao longo das leituras para o desenvolvimento deste trabalho, que a produção em torno das bolhas em grande parte manifesta algumas das preocupações que Pariser expressou. Assim, na cobertura midiática perpetuou-se o tom vigilante do autor sobre o advento de uma “era da personalização”, impulsionada pela crescente especialização dos filtros de informação que as mídias digitais têm adotado. Para o

autor, essa tendência contribui para o fenômeno da formação de “redes que giram em torno do eu”.

Ele aponta o Google como o precursor da era da personalização quando, em 2009, começou a utilizar mais de 57 “sinais”, incluindo desde o local onde o usuário acessou o site até as suas buscas anteriores para definir os resultados que encontraria, mas coloca o Facebook num papel pioneiro por decidir perguntar diretamente ao usuário sobre as suas preferências e fornecer conteúdo a partir de suas respostas ou *likes*. Segundo Pariser, os filtros-bolha funcionam em três etapas: 1) entender quem é a pessoa e as suas preferências, 2) oferecê-la conteúdos e serviços conforme o perfil traçado e 3) ajustar-se minuciosamente para aperfeiçoar a correspondência entre esse perfil e o que a pessoa vê no seu *feed* (PARISER, 2012, p.78).

No caso do Facebook, ele expõe que a solução para determinar o conteúdo dos feeds dos usuários mediante à abundância de informações produzida pelos amigos e páginas curtidas foi o algoritmo *EdgeRank*, criado para classificar as interações na rede e pautado em três fatores:

The first is affinity: the friendlier you are with someone—as determined by the amount of time you spend interacting and checking out his or her profile—the more likely it is that Facebook will show you that person’s updates. The second is the relative weight of that type of content: relationship status updates, for example, are weighted very highly; everybody likes to know who’s dating whom. (Many outsiders suspect that the weight, too, is personalized: different people care about different kinds of content.) The third is time: recently posted items are weighted over

older ones. (PARISER, 2011, p. 25)²

Para o autor, esse movimento de personalização funciona como estímulo para o que ele conceitua como “fator de distorção”: ele reconhece que as ideias sobre o real se constroem através da “distorção” de informações em processos internos ou externos à mente humana, mas aponta que a ação dos filtros personalizados atrapalha o equilíbrio de processos cognitivos de fortalecimento de ideias existentes e de aquisição de ideias novas. Pouco a pouco, conforme ambientes de vozes consoantes e informações filtradas se consolidam como a ideia de “realidade” das pessoas, o enclausuramento em bolhas de informações compatíveis com os hábitos e preferências dos usuários trabalharia contra a criatividade e a diversidade, agindo a favor de uma intensificação da polarização entre grupos cujas ideias não circulam livremente, mas permanecem restritas a eles mesmos.

Tal qual uma lente, a bolha dos filtros transforma inevitavelmente o mundo que vivenciamos, determinando o que vemos e o que não vemos. Ela interfere na inter-relação entre nossos processos mentais e o ambiente externo. Em certos casos, pode atuar como uma lente de aumento, sendo muito útil quando queremos expandir a nossa visão sobre uma área específica do

² Tradução livre: O primeiro é a afinidade: quanto mais amigo você é de alguém - segundo determinado pela quantidade de tempo que você passa interagindo com e conferindo o perfil dessa pessoa - mais provável que o Facebook lhe mostre as atualizações dela. O segundo fator é o peso relativo desse tipo de conteúdo: atualizações de status de relacionamento, por exemplo, pesam muito; todos gostam de saber quem está namorando quem. (Muitos suspeitam que o peso, também, é personalizado: pessoas diferentes se importam com tipos diferentes de conteúdo.) O terceiro é o tempo: posts recentes aparecem acima dos antigos.

conhecimento. No entanto, os filtros personalizados podem, ao mesmo tempo, limitar a variedade de coisas às quais somos expostos, afetando assim o modo como pensamos e aprendemos. [...]. Se quisermos saber como o mundo realmente é, temos que entender como os filtros moldam e distorcem a visão que temos dele. (PARISER, 2012, p. 58)

O autor traz algumas noções da psicologia para explicar a influência da ação dos filtros no modo como as pessoas captam informações, tratando primeiramente da ideia de “esquemas” como os conceitos que captam a ideia fundamental dos emaranhados de informação que chegam aos nossos cérebros; os esquemas fazem parte de um processo cognitivo de ampla compressão dos dados (PARISER, 2011, p. 60). Uma vez que os esquemas são adquiridos, há a predisposição ao seu fortalecimento; esse processo de tendência à consolidação de noções preexistentes é chamado de “viés de confirmação” e é justamente essa aproximação com os conteúdos que validam o que “já sabemos” que as bolhas amplificam drasticamente segundo Pariser.

Ele também argumenta que a acentuação do isolamento de grupos divergentes seria determinada em parte pela natureza da relação entre identidade e personalização que está presente no funcionamento do filtro (PARISER, 2011, p. 63). De acordo com esse argumento, o formato que define a apresentação dos perfis dos usuários no Facebook colabora intencionalmente com a adequação desses a uma “identidade única”, na qual os aspectos contextuais que compõem as suas respectivas identidades seriam ofuscados pela ideia de um indivíduo uno - mais fácil de ser tanto repudiado como estimado. Assim, a identidade do usuário traçada a partir dos seus hábitos na rede “moldaria” o conteúdo que ele recebe e seria “moldada” por esse conteúdo. Portanto, para Pariser, a compatibilidade entre o usuário e a sua mídia - ao contrário do que se esperava - se dá a partir da alteração do primeiro e não do

segundo (ponto que corrobora com as ideias de identidades que não são dadas a priori, mas construídas em relação).

Advertindo sobre os possíveis rumos da “era da personalização”, há também Cass Sunstein (2017), que se dedicou a pensar as implicações dos algoritmos de filtragem para os regimes democráticos modernos, pesando a intensidade da polarização de grupos a partir do uso das mídias sociais. Para Sunstein, as metas em torno de uma “completa personalização” presentes na forma como empresas como o Facebook ajustaram seus filtros pautam-se numa ideia de liberdade individual que na prática contribui mais para a fragmentação da sociedade e a consequente restrição de possibilidades aos grupos do que para a expansão da sua liberdade. Assim como Pariser, o autor utiliza o conceito do “Daily Me”, elaborado por Nicholas Negroponte em 1995 para prever, com os avanços da tecnologia, a possibilidade de criação de um canal de informação cujo conteúdo seria inteiramente determinado pelo indivíduo a quem a informação interessa - um jornal cujas matérias são apenas as que têm relevância para você.

Sunstein (2017, p. 236) identifica a emergência de tais opções de personalização com o projeto de uma arquitetura do controle, na qual os indivíduos possuem um poder ilimitado para customizar os sistemas de comunicação que utilizam e que ameaça a liberdade dentro de uma república, considerando que um dos pré-requisitos para a sua existência é a exposição dos seus participantes à diversidade de tópicos e opiniões. O autor aponta que todo regime democrático tem como objetivo promover certo nível de integração social e a existência dos filtros-bolha apenas dificulta esse processo ao intensificar a fragmentação de segmentos sociais conforme a compatibilidade de suas ideias - o fenômeno da polarização de grupo.

Esse argumento é sustentado pelo autor através de uma série de experimentos³ cujos resultados apontam a acentuação da polarização entre grupos de ideias destoantes após a deliberação entre indivíduos de preferências similares: num dos experimentos,

³ Ver Sunstein, 2017, p. 69.

os participantes opinaram individualmente sobre três tópicos políticos e depois de divididos conforme sua adequação às posições “conservadores” ou “liberais”, discutiram em grupo sobre os mesmos tópicos e opinaram novamente, demonstrando opiniões mais extremistas do que as iniciais. O exemplo é utilizado para demonstrar que pessoas que pensam de modo semelhante tendem a tornar-se mais seguras de suas ideias após a deliberação entre si, fortalecendo seu vínculo identitário e conseqüentemente “diferenciando-se” de outras num movimento de “balcanização”.

Sunstein adverte, então, sobre a acentuação desse fenômeno na internet, em que plataformas como o Facebook fortalecem a fragmentação ao facilitar e tornar mais frequentes as associações entre indivíduos de ideias similares, sem o contato com ideias contrárias. Haveria, nesse desconhecimento mútuo de perspectivas, uma falha no estabelecimento das condições para a existência de um sistema democrático funcional, o que leva o autor a advogar por uma arquitetura da “serendipidade” para as mídias sociais, oposta à arquitetura do controle, na qual preza-se pelo contato dos indivíduos com pontos de vista que desafiam os seus próprios.

Na contrapartida das advertências de Pariser e Sunstein, uma série de pesquisas empíricas sobre a “polarização online” tem sugerido que o problema é menos intenso do que o esperado. Bakshy, Messing e Adaming (2015), um grupo de cientistas contratados pelo Facebook, investigaram o suposto “efeito filtro-bolha” nos *feeds* de mais de 10 milhões de usuários no período de julho de 2014 a julho de 2015, postulando entre suas conclusões que a influência do algoritmo tem menos relevância na informação dos usuários do que as suas escolhas individuais - suas redes de amigos e clicks em links.

Para o estudo, foram considerados apenas os usuários cujo alinhamento político fora informado no perfil e observou-se que, no lado dos progressistas, 22% dos links que os usuários viram eram de teor contrário às suas preferências políticas, enquanto que com os conservadores o número foi de 33%. Sem a ação do filtro, esses números seriam respectivamente 25% e 34% e no caso de um *feed* composto aleatoriamente por amostras de tudo o que é

compartilhado - sem influência da rede de amigos -, progressistas veriam 45% de conteúdo conservador e conservadores 40% de conteúdo liberal.

No Twitter, Barbera *et al.* (2015) investigaram a existência das “câmaras de eco” - metáfora para a descrição de ambientes em que apenas ideias similares circulam-, supostamente geradas pelo uso de mídias sociais. Para isso, estimaram o alinhamento ideológico de 3.8 milhões de usuários e analisaram cerca de 150 milhões de *tweets* concernentes a doze acontecimentos políticos e não-políticos de repercussão nacional nos Estados Unidos. Concluíram que as estruturas de comunicação entre indivíduos de posições ideológicas divergentes se demonstraram flexíveis - com um catálogo diverso de informações sendo compartilhado entre eles, o grau de polarização mostrou-se situacional e muito dependente da natureza dos tópicos discutidos.

Mais recentemente, em 2017, Boxell, Gentzkow e Shapiro debruçaram-se sobre a hipótese que coloca a internet como a força-motriz do aumento da polarização política partindo do estabelecimento de divisões demográficas de acordo com as previsões de frequência do uso da internet e das redes sociais, enfocando o fator idade. Assim, utilizaram dados de *surveys* do American National Election Study, computando nove medidas de polarização no período de 1996 a 2012. O resultado foi que, destas, oito aumentaram significativamente no grupo que menos usa a internet, o de maior faixa etária (mais de 75 anos), enquanto que entre os mais jovens (menos de 40 anos) o número diminuiu, indicando uma independência entre uso da internet e aumento da polarização.

Contestando a metodologia padrão dos estudos sobre a existência das “câmaras de eco” na internet, Dubois e Grant (2018) publicaram um estudo em que defendem o reconhecimento da integração entre diferentes mídias sociais no uso rotineiro das pessoas como um fator que desafia os resultados das pesquisas restringidas a uma só plataforma. Os autores argumentam que análises delimitadas a uma determinada mídia social podem apontar resultados duvidosos, considerando que pesquisas anteriores indicam que a confiabilidade da informação recebida

pelas pessoas tende a aumentar de acordo com o contato com essa informação noutras mídias. Além disso, sugerem que a visualização do conteúdo não necessariamente confirma a crença nesse e é comum os indivíduos checarem numa plataforma a informação recebida noutra.

Dubois e Grant argumentam que a internet deve ser concebida como um “ambiente de alta escolha”, de modo que a investigação das formas como diferentes mídias são agregadas à vida diária das pessoas é crucial para a compreensão de como a informação circula e é recebida no meio digital. Para a pesquisa proposta aqui, reconheço a restrição das possibilidades analíticas ao delimitar a pesquisa ao Facebook conforme apontado pelos autores, porém a escolha parece consistente considerando o campo escolhido e o objetivo definido como o mapeamento de associações e dissociações que atuam no fortalecimento de preferências e ideias - por definição, mecanismos de formação de bolhas.

1.2 Aspectos metodológicos: a pesquisa em mídias sociais e a convergência do *online* e *offline*

Para pensar a pesquisa no Facebook, deve-se esclarecer o que compreendemos como “mídias sociais”. Aqui, adota-se definição de Miller *et al.* (2016, p.1) das mídias sociais não como as plataformas nas quais as pessoas “postam”, mas como os conteúdos que são postados nessas plataformas. Assim, considerando que, como aponta Spyer (2017, p. 33), essas mídias se estabelecem enquanto mediadoras de relações que existem em determinados contextos, uma definição generalizante das mídias sociais seria pouco profícua analiticamente dentro de um projeto etnográfico e por isso os autores advogam por um projeto de pesquisa etnográfica comparativa.

Para pesquisar sobre as bolhas, foi necessário enfrentar desafios metodológicos concernentes às “caixas-pretas” da internet. Em primeiro lugar, os algoritmos adotados pelas mídias digitais funcionam de forma “anônima”: não há acesso aos códigos aplicados, ou seja, só podem ser compreendidos a partir dos seus

“efeitos”. Considerando a definição de Gillespie (2012) do algoritmo enquanto uma série de procedimentos codificados cujo objetivo é transformar dados de *input* em um *output* desejado - ou seja, enquanto procedimentos que indicam, ao mesmo tempo, um problema e os passos para resolvê-lo -, a investigação dos “efeitos” em rede a partir da adoção de determinados algoritmos seria, até certo ponto, também a investigação de seus contextos de criação, uma noção que incentivou as primeiras formulações do meu objeto.

Em segundo lugar, houve o desafio de pensar uma metodologia que englobasse as dimensões do *online* e *offline* numa relação de interseccionalidade, em contraposição com os dualismos constantemente firmados em pesquisas sobre novas tecnologias, que tendem a fabricar demarcações rígidas entre o âmbito do “real” e o do “virtual”. Pensar as intersecções entre essas dimensões não implica, no entanto, em igualá-las: claramente, as especificidades que há em cada uma permitem distingui-las. Conforme Boelstorff (2012, p.50) aponta, a separação entre o online e o offline não é apenas um artefato intelectual; é também “culturalmente constitutiva” de maneiras que cabe ao antropólogo evidenciar.

A intenção ao evitar demarcar fronteiras muito rígidas entre os dois âmbitos é, portanto, uma tentativa de realçar padrões de ação que são promovidos através da interatividade entre eles, destacando a transversalidade do “digital” – compreendido como tudo aquilo que pode ser reduzido a um código binário, mas que gera a produção de particularidade e diferença (HORST e MILLER, 2012, p. 5). Trata-se, como defenderam Horst e Miller (2012), de afastar-se de discursos que pressupõem uma maior autenticidade do que se dá no campo “pré-digital”, pensando, portanto, o “real” como termo coloquial e não como categoria epistemológica.

Parte-se também de inspiração na Teoria Ator-rede (TAR) conforme elaborada por Bruno Latour, que propõe uma abordagem sociotécnica do “social”, ou seja, uma abordagem que implica na consideração de redes formadas pela ação de atores humanos e não-humanos em associação - melhor, por quase-humanos e quase-

objetos. Tem-se, portanto, o reconhecimento da materialidade do “digital” como um dos objetivos das etnografias na área:

As has been argued in various ways by Bourdieu, Latour, Miller and others, rather than privilege a social anthropology that reduces the world to social relations, social order is itself premised on a material order. It is impossible to become human other than through socializing within a material world of cultural artefacts that include the order, agency and relationships between things themselves and not just their relationship to persons. Artefacts do far more than just express human intention (HORST e MILLER, 2012, p. 24).

Além disso, para esta pesquisa, utilizou-se da compreensão de Latour sobre as fronteiras de grupos como coisas instáveis, de modo que não cabe ao etnógrafo ou ao sociólogo a identificação desses grupos, mas a investigação da *formação* de grupos - mais especificamente, na TAR, o ator é sempre uma rede e o trabalho do pesquisador é o rastreamento de redes; das “relações mais sólidas e padrões mais reveladores” em quadros de referência mutáveis (LATOURE, 2012, p. 45). Ou seja, não cabe a ele apontar os agentes, mas seguir o curso da ação, rastrear a partir de quais associações ela é produzida.

Para trabalhar com esses quadros instáveis, é oportuna a perspectiva de Rifiotis (2016) que, ao fazer uma defesa da

etnografia como a *descrição* de uma rede sociotécnica na qual a ação de um ente não se faz secundária à de outro, aponta como tarefa do etnógrafo descrever os fluxos, os agenciamentos internos a essa rede; atentar-se à “produção do social em ação” (RIFIOTIS, 2012, p. 574). O autor propõe um “repovoamento” da cibercultura, referente à inclusão dos entes não-humanos, mas, para além disso, referente ao “reconhecimento do caráter relacional, contingente e compósito de todos os elementos que tecem o tecido social” (RIFIOTIS, 2016, p. 91).

Cabe apontar, entretanto que, para além do mapeamento das associações que formam uma rede, o trabalho pretendido aqui concerne os processos de cisão nessas redes e para isso foi adequada a exploração dos desenvolvimentos teóricos de Bateson, mais especificamente através do conceito *framing* - a partir daqui, enquadre -, concernente aos aspectos implícitos e explícitos que permitem a comunicação e a compreensão entre indivíduos ou grupos. Associado à noção de enquadre, utilizarei o conceito de cismogênese, elaborado pelo autor para caracterizar os processos de diferenciação a partir da interação cumulativa entre indivíduos ou grupos. Complementando esse quadro teórico, exploro argumentos da obra de Mary Douglas, concernentes a questões de ordem/desordem como princípios classificatórios para analisar as interações nos grupos que constituem o campo.

A partir dessas reflexões colocadas, nota-se a dificuldade de definir o que seriam as “bolhas algorítmicas” sem o acesso aos códigos e à linguagem técnica requisita. Por essa razão e, para além disso, por identificar uma lacuna na produção bibliográfica sobre as bolhas, em geral quantitativa e por vezes inclinada ao deslocamento das mídias sociais do seu contexto de uso, o trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa qualitativa, pautada na dimensão experiencial na participação dos grupos pesquisados e na observação dos mecanismos de associação e dissociação manifestados nesses.

Assim, com o auxílio do quadro teórico apresentado, deslocou-se de um objetivo inicial referente à observação dos padrões de ação gerados a partir da adoção dos algoritmos de filtragem do Facebook em prol de uma perspectiva antropológica

voltada aos mecanismos de formação de bolhas que extrapolam a agência maquínica (sem, entretanto, ignorá-la) e expressam certos comportamentos culturais, como tentaremos expor ao tratar do funcionamento dos grupos a seguir.

O objetivo é pensar a digitalização da polarização político-eleitoral, observando as bolhas sociais na sua existência “ideal” e “material”, partindo dos discursos e das interações que se estabelecem na plataforma e os indícios de expansão dessas ações para além do ambiente dos grupos. Trata-se, portanto, de observar a formação das bolhas sociais atentando-se a mecanismos de cisão ou diferenciação que operam em múltiplas escalas e transcendem a ação dos algoritmos de filtragem de conteúdo adotados pelo Facebook, pensando a polarização política como um fato “pré-digital”, existente independentemente da internet, mas que, no contexto contemporâneo, é reformulado através da ampla mediação das redes sociais. Assim, o projeto etnográfico proposto aqui foi pensado em termos reflexivos, pensando uma contribuição empírica e teórica elaborada a partir da observação de ambientes que refletem as controvérsias de campos maiores.

1.3 As mídias sociais no contexto brasileiro

No Brasil, existem cerca de 130 milhões de perfis ativos no Facebook, número que coloca o país na terceira posição entre os que possuem maior contingente de participantes na plataforma. Recentemente, como nas eleições norte-americanas de 2016, o uso político de mídias digitais tornou-se tópico de debate. Assim como nos Estados Unidos, a proliferação de *fake news* tornou-se uma preocupação central nas campanhas dos candidatos à presidência brasileira em 2018, mobilizando esforços do Tribunal Superior Eleitoral e diversas iniciativas de *fact-checking*⁴. O TSE, além de regulamentar a propaganda política no Facebook, empenhou-se em esclarecer os eleitores sobre a veracidade de informações compartilhadas acerca dos candidatos através da sua página oficial.

⁴ Projeto Comprova, Eleições sem Fake e outros.

O Brasil é um dos 17 países que contam com verificação de fatos independente do Facebook. Nesses, a empresa realiza parcerias com agências verificadoras de fatos certificadas pela International Fact-Checking Network. No Brasil, a companhia tem colaborado com as organizações AFP Brasil, Agência Lupa e Aos Fatos, de modo que a repercussão de notícias falsas no Facebook teve menor relevância do que nas eleições norte-americanas. Além disso, houve mudanças no algoritmo da plataforma, que passou a priorizar conteúdos de amigos e familiares nos *feeds* em relação aos de empresas e veículos de informação.

Contudo, como apontam Tardáguila, Benevenuto e Ortellado (2018), esses esforços do Facebook acabaram levando o fenômeno para outros lugares, especialmente para o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, onde é muito mais difícil monitorar o conteúdo das conversas privadas e criptografadas. Desse modo, o aplicativo se tornou o assunto central do período eleitoral de 2018: segundo pesquisa Datafolha de outubro deste ano sobre o uso de redes sociais, o WhatsApp é a mais utilizada pelo eleitorado (65% das pessoas possuem uma conta), em segundo lugar está o Facebook (57% dos eleitores utilizam a interface). Além disso, a pesquisa apontou que 46% da população lê notícias eleitorais e políticas nas suas timelines, a mesma porcentagem do eleitorado afirmou se informar politicamente através do WhatsApp.

Sobre a disseminação de notícias falsas, alguns fatores referentes à inclusão digital têm sido apontados como parte desse fenômeno, como o tipo de conexão que os brasileiros adotam de acordo com a classe social em que se enquadram. De acordo com dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.Br) divulgados em 2017, pessoas das classes A e B acessam a internet através de computadores e smartphones, enquanto nas outras o acesso se dá majoritariamente através de celulares, principalmente nas classes D e (CGI.br/NICbr, 2017).

A partir disso, especulou-se sobre a influência dos planos que as operadoras oferecem sobre o fenômeno das notícias falsas: as empresas tendem a ofertar planos de uso ilimitado de aplicativos

de mídias digitais como WhatsApp e Facebook, prática conhecida como *zero rating*. Desse modo, as pessoas podem receber notícias, mas não as abrir (sem gastar seu pacote de dados), o que possibilita a assimilação apenas as manchetes e eventualmente a reprodução de informações sem checagem. Parte do problema é, portanto, pensar fatores estruturais aos quais os participantes nas mídias sociais submetem a sua ação. Entretanto, há também aspectos do comportamento online em relação ao compartilhamento de informações que excedem o âmbito das relações econômicas e materiais com os dispositivos.

A pesquisa de Bakshy, Messing e Adaming citada anteriormente, por exemplo, aponta que as pessoas tendem a não clicar em links contendo informações que contradizem suas ideias e, apesar de apresentarem uma análise que indica uma separação entre a ação algorítmica e a humana que parece ignorar a influência dos algoritmos num plano metacomunicativo, os resultados fornecidos merecem ser explorados. São esses aspectos, concernentes aos padrões que se apresentam na associação e dissociação entre os atores - e que desafiam as ideias da formação algorítmica das “bolhas sociais” - que nos interessam aqui e buscaremos apontar nos próximos capítulos. Cabe notar que a etnografia não foi feita offline e que a descrição será apresentada aqui enquanto tentativa de acessar a agência dos sujeitos através da sua interação online.

2. CAMPO: MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO E MULHERES COM BOLSONARO #17

Na página oficial do Facebook, os grupos são definidos como espaços para a comunicação entre pessoas que compartilham determinados interesses, oferecendo uma plataforma para a discussão de tópicos em comum. Os grupos têm políticas de privacidade próprias, que são definidas pelos seus administradores: podem ser públicos, fechados ou secretos. Todos exigem a aprovação dos membros por parte de um administrador, porém nos grupos públicos os conteúdos compartilhados são visíveis a qualquer pessoa, enquanto nos grupos fechados e secretos, apenas membros podem visualizar os posts. Nos grupos secretos, diferentemente dos fechados, apenas membros atuais e ex-membros podem ver o nome, a descrição e os administradores e moderadores do grupo.

Como campo, escolhi dois grupos do Facebook que obtiveram notoriedade durante o período das campanhas eleitorais brasileiras de 2018, ambos construídos em torno da figura do candidato à presidência Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL). O primeiro grupo, “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, criado em 30 de agosto deste ano, chamou atenção pelo rápido crescimento: após duas semanas da criação, já contava com cerca de dois milhões de membros e no primeiro turno das eleições já marcava aproximadamente quatro milhões de participantes (os números incluem os membros que não visualizaram o convite para participar).

O segundo grupo, “Mulheres com Bolsonaro #17 (OFICIAL)”⁵, foi criado em 11 de setembro de 2018, em reação à popularidade do movimento contra o candidato. Apesar de menor que o anterior, esse também obteve crescimento exponencial, chegando a cerca de dois milhões de membros no primeiro turno eleitoral. Após um longo tempo elaborando um projeto de pesquisa e lendo sobre o tema das “bolhas na internet”, o advento desses grupos pareceu oportuno para o projeto que pretendia: formaram-se dois espaços, cuja referência era uma mesma figura, porém sob intenções diametralmente opostas. Ou seja, era de se esperar que os mesmos “fatos” fossem repercutidos nesses espaços, porém com enquadres muito diferentes.

O acesso aos grupos se deu de duas formas distintas: no MUCB, fui adicionada espontaneamente por uma pessoa próxima quase imediatamente após a sua criação, como parte do movimento das participantes na intenção de agregar o maior número de mulheres de seu convívio no mesmo ambiente. Logo, comecei a acompanhar as discussões no grupo, ainda sem tratá-lo como objeto de pesquisa, apenas como um local de debate no qual estavam presentes grande parte das mulheres de minha convivência diária. Em pouco tempo, a mobilização das mulheres pró-Bolsonaro também se sistematizou e criaram-se diversos grupos de apoio ao candidato. As notícias sobre esses passaram a ser compartilhadas no MUCB e observando as ações e reações que se estabeleciam, passei a considerar a formação desses ambientes sob um olhar acadêmico e então resolvi tentar o acesso à rede pró-Bolsonaro.

⁵ A partir daqui, Mulheres Unidas Contra Bolsonaro = MUCB, Mulheres com Bolsonaro #17 (OFICIAL) = MCB#17.

Partindo do objetivo de adentrar o grupo de maior dimensão numérica, onde estariam acontecendo a maior parte das mobilizações (posts, comentários, definição de eventos...), ingressei inicialmente no grupo “Mulheres Unidas A FAVOR do Bolsonaro (OFICIAL)”, que contava com cerca de 230.000 membros quando solicitei o acesso através de meu perfil pessoal. Sem ser aceita, criei um segundo perfil, sob meu nome, e então tive a solicitação aprovada. Acompanhei esse grupo por algum tempo, até observar comentários dos membros sobre o MCB #17. Foi então que fiz uma publicação, perguntando sobre a existência de um grupo maior e pedindo que fosse adicionada a ele. Algumas mulheres nos comentários me enviaram convites de amizade e assim fui acrescentada ao grupo por uma delas.

A partir disso, passei a acompanhar a atividade nesses dois grupos maiores de vieses contraditórios, com o objetivo de observar indícios da formação de bolhas sociais e de informação, assim como de possíveis “furos” nessas bolhas em trocas comunicacionais entre manifestantes de ideias divergentes. Através do recurso do *print screen*, e da opção “Salvar” nos posts dos grupos, busquei registrar padrões de ação recorrentes identificados nas interações entre os membros dos dois espaços. Considerando as limitações postuladas pelo curto tempo de pesquisa, a descrição compartilhada aqui foi restringida ao período de eleitoral (da criação dos grupos citados ao segundo turno das eleições).

Neste capítulo, apresento um exame do material etnográfico selecionado, buscando evidenciar as controvérsias entre os grupos e os mecanismos de estabelecimento de fronteiras que os atores mobilizam nesses, já articulando alguns apontamentos teóricos que serão esmiuçados no capítulo posterior.

2.1 Controvérsias iniciais: formação e organização dos grupos

A partir dos primeiros contatos com os grupos, comecei a me atentar a determinadas peculiaridades dos conteúdos compartilhados entre as participantes dos respectivos ambientes que, seja pela incipiência de meu contato ou a dos grupos em si, pareciam apontar para os primeiros moldes de estruturas de relações que se consolidaram pouco a pouco ao longo do campo. Assim, descrevo aqui alguns dos principais eventos em que se expressaram aspectos das relações entre as participantes que foram determinantes na formação dos grupos e na manutenção do antagonismo que seria constantemente afirmado pelas por elas.

2.1.1. #EleNao

Um dos primeiros estranhamentos no campo surgiu a partir da relutância das participantes do MUCB em mencionar o nome de Bolsonaro⁶. Diversos codinomes (“Bozonaro”, “Bozo”, “Coiso”, “Inominável” ...) foram adotados como referência ao candidato e eram comuns os posts das administradoras em incentivo a isso. Apesar de o nome Bolsonaro constar no título do grupo, as publicações frequentemente enfatizavam que o posicionamento das mulheres era, para além da figura dele, contrário às posições políticas que estariam representadas no candidato, conforme expresso na descrição do grupo (Figura 1): “machismo, misoginia, racismo, homofobia e outros tipos de preconceito”.

Contudo, por vezes a justificativa para a omissão do nome do candidato se pautava numa suposta ação algorítmica a favor do crescimento da “bolha” pró-Bolsonaro, que seria impulsionada à medida que o citavam. Essa noção influenciou também na

⁶ Algo similar ocorreu durante em relação a Donald Trump, nos Estados Unidos.

elaboração de *hashtags*⁷ contrárias ao presidencialável na intenção de diminuir a visibilidade daquelas mobilizadas pelos seus apoiadores (apesar de *hashtags* não serem contabilizadas dentro de grupos fechados ou secretos). Assim, surgiu a *hashtag* “#EleNão”, que foi amplamente difundida e tornou-se a identificação estética e o grito do movimento contra o candidato. A expressão se tornou uma espécie de logo, apontando, paralelamente às referências a Bolsonaro como “mito” do outro lado, a centralidade do aspecto de “marketing” nessas eleições em relação às anteriores.

DESCRIÇÃO

Grupo destinado a união das mulheres de todo o Brasil (e as que moram fora do Brasil) contra o avanço e fortalecimento do machismo, misoginia, racismo, homofobia e outros tipos de preconceitos. Acreditamos que este cenário que em princípio nos atormenta pelas ameaças as nossas conquistas e direitos é uma grande oportunidade para nos reafirmarmos enquanto seres políticos e sujeitos de direito. Esta é uma grande oportunidade de união! De reconhecimento da nossa força!
O reconhecimento da força da união de nós mulheres pode direcionar o futuro deste país!
Bem-vindas aquelas que se identificam com o crescimento deste movimento.

Figura 1 - MUCB: descrição do grupo

⁷ Palavras-chave que funcionam como *hiperlinks*, são identificadas pelo sinal da cerquilha (#) que as antecede e têm a função de canalizar os debates sobre determinado assunto.

2.1.2 Manifestação silenciosa

No dia 11 de setembro, uma das administradoras convocou uma “primeira manifestação online” (Figura 2), propondo um “mutirão de alteração das imagens de capa e perfil” das participantes em prol da adoção de uma estética anti-Bolsonaro, evidenciando o aspecto de marketing citado. A manifestação foi caracterizada como silenciosa, pois apesar de pretender o aumento da visibilidade do movimento, incentivou uma “não-reação” perante possíveis críticas às posições eleitorais manifestadas pelas mulheres do grupo. Já de início, observou-se um *ethos* de valorização do posicionamento político explícito, ainda que pautado num fechamento ao diálogo com as opiniões dissonantes.



Figura 2 - MUCB: convocação para “primeira manifestação online”

2.1.3 Hack

No fim de semana do dia 14 de setembro, duas semanas após a criação do MUCB, o grupo foi vítima de uma série de *hacks*. Com cerca de 2,5 milhões de membros então, os hackers excluíram

as administradoras originais da página e alteraram o nome do grupo para “Mulheres com Bolsonaro”. A ação dos invasores gerou confusão em meio aos membros, pois além da alteração do nome do grupo, surgiram numerosos posts de apoio ao candidato, causando a evasão em massa das participantes antigas. Ao longo do fim de semana os hacks continuaram, levando o Facebook a derrubar o grupo e finalmente devolvê-lo às administradoras. A partir disso, as configurações de privacidade foram alteradas e o grupo que era fechado, passou a ser secreto (invisível na busca, o acesso se dá apenas por convite) como medida de segurança aplicada pela própria plataforma.

Enquanto as participantes do MUCB se organizavam para manter o grupo, a repercussão dos hacks no MCB #17 acontecia de modo diferente: os ataques eram atribuídos às próprias mulheres do MUCB, tratados como fake news ou como ação moderadora do próprio Facebook, relativa a uma narrativa já muito difundida na rede pró-Bolsonaro sobre a suposta origem ilegítima do grupo (Figuras 3 e 4). Essa narrativa consistia na existência de um grupo de viés humorístico anterior ao MUCB chamado “Gina Indelicada” que teria sido transformado nesse grupo anti-Bolsonaro sem o consenso das participantes.



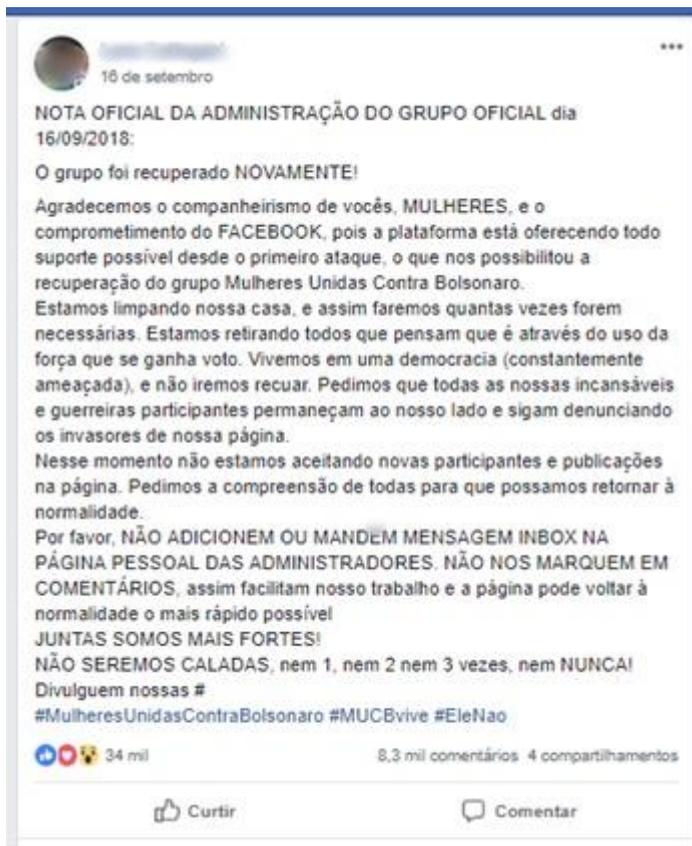
Figura 4 - MCB #17: Narrativa sobre a criação do MUCB

Como nos exemplos acima, ao longo das campanhas foi recorrente a atribuição da categoria fake news aos conteúdos divulgados pelos adversários, por parte tanto dos próprios candidatos como dos seus eleitores. Nos grupos, esse foi um dos mecanismos centrais no fechamento das bolhas, uma vez que a caracterização das mensagens como fake news frequentemente foi observada agindo num plano metacomunicativo, no sentido da deslegitimação dos conteúdos compartilhados e dos seus emissários também. Além disso, nas imagens destacam-se

características linguísticas que se manifestaram durante o campo como indícios de um fechamento ao diálogo dado de antemão, como o uso de determinados rótulos antagonísticos (neste caso, “esquerdistas” e “esquerdopatas golpistas”) e o tom provocativo das mensagens.

2.1.4 Infiltradas

Após os hacks e a retomada do grupo, houve intensificação do trabalho de “limpeza” (Figura 5) dos membros, referente à exclusão de todos os simpatizantes do candidato do PSL. Desde a criação do MUCB, a incitação ao agrupamento do maior número de mulheres possível teve como consequência a inclusão de membros que não compartilhavam das ideias difundidas naquele espaço, mulheres apoiadoras do candidato Bolsonaro que foram denominadas como “as infiltradas” à medida que se manifestaram nos posts do grupo. Com os ataques mencionados, a preocupação com as infiltradas se acentuou e diversos posts para denúncia dessas surgiram, que permaneceram frequentes durante todo o período de campo.



16 de setembro

NOTA OFICIAL DA ADMINISTRAÇÃO DO GRUPO OFICIAL dia 16/09/2018:

O grupo foi recuperado NOVAMENTE!

Agradecemos o companheirismo de vocês, MULHERES, e o comprometimento do FACEBOOK, pois a plataforma está oferecendo todo suporte possível desde o primeiro ataque, o que nos possibilitou a recuperação do grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro.

Estamos limpando nossa casa, e assim faremos quantas vezes forem necessárias. Estamos retirando todos que pensam que é através do uso da força que se ganha voto. Vivemos em uma democracia (constantemente ameaçada), e não iremos recuar. Pedimos que todas as nossas incansáveis e guerreiras participantes permaneçam ao nosso lado e sigam denunciando os invasores de nossa página.

Nesse momento não estamos aceitando novas participantes e publicações na página. Pedimos a compreensão de todas para que possamos retornar à normalidade.

Por favor, NÃO ADICIONEM OU MANDEM MENSAGEM INBOX NA PÁGINA PESSOAL DAS ADMINISTRADORES. NÃO NOS MARQUEM EM COMENTÁRIOS, assim facilitam nosso trabalho e a página pode voltar à normalidade o mais rápido possível

JUNTAS SOMOS MAIS FORTES!

NÃO SEREMOS CALADAS, nem 1, nem 2 nem 3 vezes, nem NUNCA!

Divulguem nossas #

#MulheresUnidasContraBolsonaro #MUCBvive #EleNao

34 mil 8,3 mil comentários 4 compartilhamentos

Curtir Comentar

Figura 5 - MUCB: nota sobre a recuperação do grupo



Figura 6 - MUCB: denúncia de infiltradas

A preocupação com as infiltrações repercutiu também no MCB #17, embora a ação por parte das administradoras/moderadoras tenha sido mais tênue no sentido da exclusão. Isso porque observou-se certo contraste de discursos: enquanto as mulheres contra Bolsonaro reivindicavam uma ação incisiva na exclusão das infiltradas, as favoráveis ao presidencial se fragmentavam entre aquelas que pregavam também a exclusão e aquelas que adotavam um tom jocoso nas suas mensagens, enfrentando a presença das opositoras de modo provocativo (Figura 7). De qualquer modo, observou-se uma ação positiva das participantes na formação das bolhas: a “serendipidade” idealizada por Sunstein não apareceu como um valor cultivado dentro de

nenhum dos grupos, pelo contrário, estimularam a exclusão de ideias dissonantes (apoio ou reprovação a Bolsonaro e as ideias ligadas à sua figura) e de pessoas cujo perfil era incompatível ao idealizado pelos grupos (aqui cabe a questão de gênero, mais enfática no MUCB, que prezou pela construção de um ambiente exclusivo para mulheres).

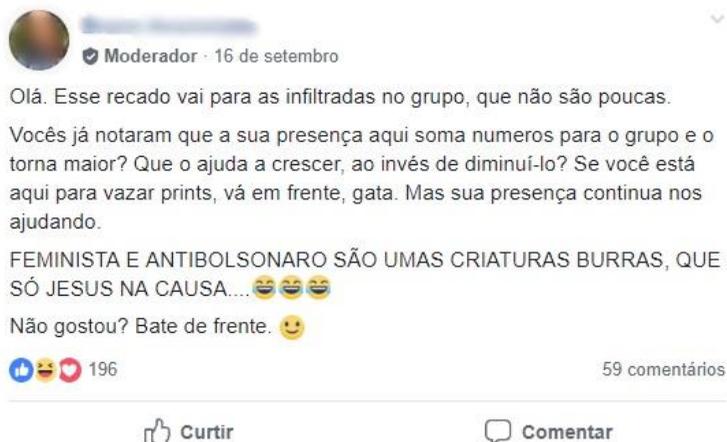
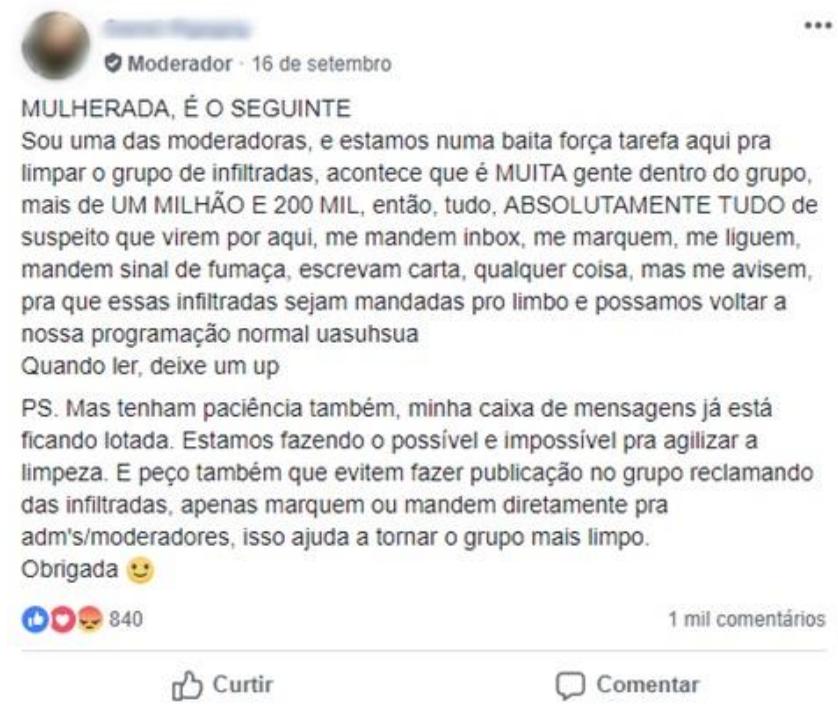


Figura 7 – MCB #17: reação às suspeitas de infiltradas no grupo



 Moderador · 16 de setembro

MULHERADA, É O SEGUINTE

Sou uma das moderadoras, e estamos numa baita força tarefa aqui pra limpar o grupo de infiltradas, acontece que é MUITA gente dentro do grupo, mais de UM MILHÃO E 200 MIL, então, tudo, ABSOLUTAMENTE TUDO de suspeito que virem por aqui, me mandem inbox, me marquem, me liguem, mandem sinal de fumaça, escrevam carta, qualquer coisa, mas me avisem, pra que essas infiltradas sejam mandadas pro limbo e possamos voltar a nossa programação normal uasusua

Quando ler, deixe um up

PS. Mas tenham paciência também, minha caixa de mensagens já está ficando lotada. Estamos fazendo o possível e impossível pra agilizar a limpeza. E peço também que evitem fazer publicação no grupo reclamando das infiltradas, apenas marquem ou mandem diretamente pra adm's/moderadores, isso ajuda a tornar o grupo mais limpo.

Obrigada 😊

   840 1 mil comentários

 Curtir  Comentar

Figura 8 - MCB #17: repercussão sobre as infiltradas

2.1.5 Manifestações nas ruas

Aproximando-se o primeiro turno das eleições, o MUCB convocou uma série de protestos contra Bolsonaro unificados no dia 29 de setembro, oito dias antes das votações. As manifestações reuniram centenas de milhares de pessoas e foram consideradas as maiores manifestações lideradas por mulheres na história do Brasil. Houve contrapartida do movimento pró-Bolsonaro, que foi

às ruas substancialmente no dia seguinte, embora numericamente inferior ao movimento contrário.

Segundo o levantamento da página Monitor do Debate Político no Meio Digital⁸, coordenada por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) que monitoram os principais veículos de direita e esquerda no Facebook, a grande diferença numérica nas ruas não se manteve online e as postagens de divulgação dos atos pró-Bolsonaro superaram as postagens sobre os atos EleNão nos compartilhamentos. Nos dados, nota-se a eficiência do movimento de apoio ao candidato nas mídias sociais, cuja atuação na divulgação da manifestação contrária funcionou a favor da acentuação do antagonismo entre as mulheres das duas manifestações e possivelmente do crescimento de Bolsonaro nas pesquisas de intenções de voto subsequentes aos atos⁹.

Nos grupos, surgiram tentativas de “diminuição” dos atos opostos, que apesar da contrariedade das intenções, culminaram em estratégias similares, como a atribuição do rótulo fake news aos conteúdos adversários e a deslegitimação das mídias tradicionais,

⁸ Link para o relatório divulgado apenas no Facebook:

[https://www.facebook.com/monitordodebatepolitico/posts/1970890969639023?_xts__\[0\]=68.ARCbXmQ3j8qOWyIETTx_GWg0Mwz4jcYcNzUaj_Eb2jvwfOyz3CeJDe2sj_wjGDM1xcOXsBTDSmqSU-q95chdQhud1JCZJRzgPPC-iZiubjchVg21fCqyVZ1bxf6T206BglQh1HK4Z4Bx5d-pJTqUCt6PUOvjBHPderUwi1RIRH6qXY5LJq8hPzadrKqAr1f-N0dZDiI_oIeyUNL22WoToFYmk4tzskJsDzvd3BMdi102S5h2sKvVUo_dqjxl247_zg6yW3V4p2OnyU02ZtuCLna7ZhF-0Y8Lu3K04wwQuHSWIZDu3SFA_L4YWG_-Dwr8C7A5mWNSj_iZmFbym5yHm4FIF&_tn_=-R](https://www.facebook.com/monitordodebatepolitico/posts/1970890969639023?_xts__[0]=68.ARCbXmQ3j8qOWyIETTx_GWg0Mwz4jcYcNzUaj_Eb2jvwfOyz3CeJDe2sj_wjGDM1xcOXsBTDSmqSU-q95chdQhud1JCZJRzgPPC-iZiubjchVg21fCqyVZ1bxf6T206BglQh1HK4Z4Bx5d-pJTqUCt6PUOvjBHPderUwi1RIRH6qXY5LJq8hPzadrKqAr1f-N0dZDiI_oIeyUNL22WoToFYmk4tzskJsDzvd3BMdi102S5h2sKvVUo_dqjxl247_zg6yW3V4p2OnyU02ZtuCLna7ZhF-0Y8Lu3K04wwQuHSWIZDu3SFA_L4YWG_-Dwr8C7A5mWNSj_iZmFbym5yHm4FIF&_tn_=-R)

⁹ Ver: “Nos votos válidos, Bolsonaro tem 38% e Haddad atinge 25%;

Nos votos totais, Jair Bolsonaro cresce 4 pontos percentuais e aumenta distância sobre o segundo colocado, Fernando Haddad, que fica estável”:

<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/nos-votos-validos-bolsonaro-tem-38-e-haddad-atinge-25-nos-votos-totais-jair-bolsonaro-cresce-4-pontos-percentuais-e-aumenta-distancia-sobre/>

comportamentos indicadores do aspecto cismogênico da relação entre os dois lados. Em ambos os grupos, observou-se a proliferação de posts questionando a caracterização dos movimentos na televisão, com críticas direcionadas majoritariamente à rede Globo. No MUCB, houve desaprovação do tempo televisivo reservado às manifestações contra Bolsonaro, consideradas as suas dimensões e a comparação com a repercussão dos protestos Vem Pra Rua em 2016 (Figura 9), favoráveis ao impeachment da então presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Houve também a divulgação e a crítica de posts de apoiadores do candidato do PSL que compartilhavam enganosamente imagens de grandes aglomerações como se fossem retratos dos atos favoráveis ao presidencial (Figura 10).



Figura 9 - MUCB: sobre a repercussão das manifestações na mídia tradicional



Figura 10 - MUCB: denúncia de fake news sobre manifestações favoráveis a Bolsonaro

No MCB #17, observou-se o mesmo objetivo sendo persuadido pela via inversa: divulgaram-se imagens descontextualizadas, de mulheres da manifestação EleNão em pequeno número, como contestação das notícias sobre os “milhares de mulheres” que se manifestaram contra Bolsonaro. Além disso, o momento propiciou o amplo exercício de uma estratégia de campanha que ainda seria muito explorada pelos apoiadores do candidato: mediante a descrença na veracidade da informação compartilhada nos veículos tradicionais da mídia, as participantes tomaram para si mesmas a responsabilidade pela divulgação dos “fatos”- aqui, no caso, sobre os atos pró-Bolsonaro que “a mídia não mostra” (Figura 11).

Assim, no período do primeiro mês acompanhando os grupos, observou-se padrões de ação que seriam recorrentes nos acontecimentos seguintes na campanha eleitoral: o reconhecimento do outro como opositor a ser neutralizado e silenciado, a exploração do enquadre enquanto fake news como mecanismo de acusação e invalidação de fontes que desafiam um determinado sistema de ideias e a consequente deslegitimação dos veículos tradicionais de informação. Atenta-se que o observado é que os grupos mobilizam os mecanismos citados em diferentes intensidades e propósitos, mas os aponto inicialmente apenas como similaridades entre os ambientes em relação ao modo como se associam e se mobilizam ao mesmo tempo que se dissociam dos grupos discordantes.

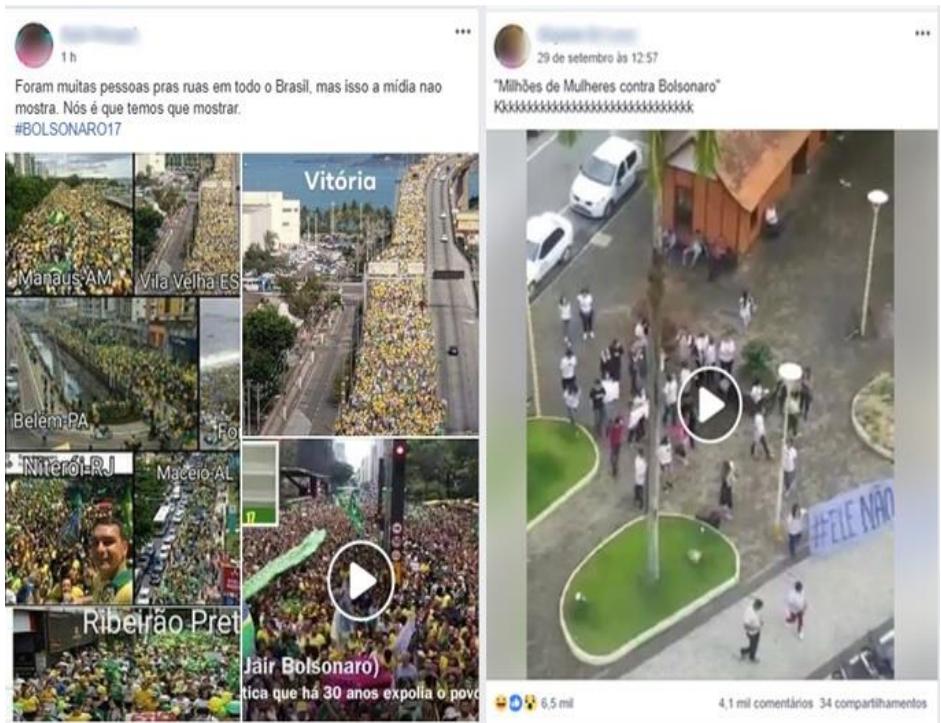


Figura 11 - MCB #17: sobre repercussão das manifestações favoráveis e contrárias a Bolsonaro

2.2 Primeiro turno: consolidação e complexificação de relações antagonônicas

Após o primeiro turno das eleições, com a notícia sobre a disputa do segundo turno à presidência entre o candidato do PSL e Fernando Haddad (PT), observou-se a radicalização de antagonismos que já eram visíveis anteriormente nas campanhas. Destaca-se que o MUCB se caracterizou desde o início como

apartidário, porém após o primeiro turno houve convocação das participantes à decisão via enquete quanto ao posicionamento do grupo: manter-se isento e exclusivamente contrário ao candidato Bolsonaro ou tomar partido a favor de Haddad. A segunda opção venceu, mas as divergências quanto à decisão permaneceram no grupo, com várias manifestações pró e contra o voto nulo surgindo. Contudo, o apoio declarado ao candidato petista intensificou a polarização entre a rede favorável e a contrária ao candidato Bolsonaro, contribuindo para a disseminação de oposições bem demarcadas entre “nós/eles” em diferentes formulações que pretendo explorar nesta seção.

2.2.1 Positivização da campanha no MUCB e fechamento dos grupos

Com a decisão pelo apoio a Haddad, no MUCB tomou força uma campanha em prol da divulgação das propostas do candidato, evitando compartilhar qualquer conteúdo referente a Bolsonaro (Figura 12). O mesmo aconteceu em meio às bolsonaristas, com as próprias administradoras do MCB #17 contraindicando o compartilhamento de conteúdo sobre a oposição (Figura 13). Assim, identificou-se a adoção de um discurso de conquista de votos através do mérito dos próprios candidatos, apesar de na prática a pertinência das propostas de cada um ter sido reafirmada justamente no que divergiam do programa opositor, tanto que no próprio programa eleitoral de Bolsonaro, há referências explícitas aos governos anteriores do PT (essa relação de “oposição por oposição”, em que há pouco interesse em derrotar o argumento do adversário se sustentou também pelo cancelamento dos debates entre os presidenciais, conforme apontarei mais à frente).



Figura 12 - MUCB: grupo se organiza pela supressão do conteúdo sobre Bolsonaro em prol da campanha de Haddad



Figura 13 - MCB #17: grupo se organiza pela supressão do conteúdo sobre Haddad em prol da campanha de Bolsonaro

2.2.2 Mulheres de direita/ mulheres de esquerda

Já de início, a oposição entre as mulheres pró e contra Bolsonaro foi constantemente afirmada, mas após as manifestações e o primeiro turno, notou-se a acentuação do discernimento de valores e práticas que caracterizaram os dois grupos de mulheres nos olhares das outras. Alguns exemplos disso, muito repercutidos, foram os posts de comparação entre as possíveis futuras primeiras damas, Ana Estela Haddad e Michelle Bolsonaro (Figura 14) e as críticas ao que se enquadrou como feminismo nos posts do MCB #17, constantemente envolvendo aspectos de “desordem”, como nudez, falta de higiene e desleixo.

Na comparação entre as esposas dos candidatos, o último ponto foi destacado: através de imagens seletivas pautadas em contraposições estéticas, o “semblante triste” de Ana Haddad é identificado também como seu descuido com a aparência física, em contraste com a “alegria” exibida por Michelle Bolsonaro.



Figura 14 - MCB #17: comparação entre as esposas dos candidatos

Conforme Ortellado e Ribeiro (2018) demonstraram na análise de 115 páginas de grande alcance do Facebook que promoveram a candidatura de Bolsonaro na fase inicial da campanha, o feminismo foi um dos três eixos temáticos (ao lado de “antipetismo” e “anti-Globo”) que geraram o maior número de compartilhamentos de posts. Parte disso, como os autores do relatório especulam, foi parte dos esforços mobilizados pela campanha para superar a baixa adesão das mulheres ao candidato nesse primeiro momento.

Assim, percebeu-se a construção contínua da divisão entre mulheres de esquerda e mulheres de direita em torno das classificações “feministas” e “antifeministas” /”femininas”. Um dos posts de maior repercussão nos grupos foi um pronunciamento de Eduardo Bolsonaro, deputado federal e filho do candidato à presidência, afirmando que a mulher de direita é “mais bonita” e “higiênica” que a de esquerda (Figura 15). No MCB #17, as afirmações repercutiram em tom de orgulho pelo reconhecimento do deputado e de ataque aos comportamentos associados ao feminismo mencionados anteriormente.



Figura 15 - MCB #17: Eduardo Bolsonaro compara mulheres de direita e esquerda



Figura 16 - MUCB: repercussão da fala de Eduardo Bolsonaro

No MUCB, houve desaprovação da fala do deputado pela sua tentativa de “diminuir” as mulheres, mas ao mesmo tempo surgiram discursos hostis às mulheres de direita, fomentando a divisão entre os polos de mulheres “fascistas” e “antifascistas”. A maior parte do conteúdo compartilhado em referência à diferença entre os grupos de mulheres (ou os tipos de mulheres) observado esteve fundamentada em determinadas valorações morais, concernentes a questões de pertencimento e de ordem/desordem: de um polo, as feministas e mulheres de esquerdas eram caracterizadas como “feias”, promíscuas e ressentidas em relação

às mulheres de direita, bonitas (os termos “bolsogatas”, “bolsolindas” e outras variações eram recorrentes), recatadas e defensoras da “família”. Do outro, observou-se as opositoras de Bolsonaro operando termos como “fascistas” e “bolsominions” enquanto categorias acusatórias contra as outras mulheres, frequentemente pautando-se nas oposições informadas/manipuladas ou esclarecidas/preconceituosas, promovendo discursos sobre a (falta de) capacidade intelectual e a alienação que acometia o lado oposto.



Figura 17 - MCB#17: caracterização das feministas

A distinção direita/esquerda foi utilizada também, principalmente pelas bolsonaristas, para dismantelar a ideia de homogeneidade de determinados grupos políticos, na tentativa de desassociar o candidato de posições políticas de ataque a minorias sociais manifestadas anteriormente e amplamente difundidas pela sua oposição (Figura 18). Assim, com o fator “militância” operando como mais um articulador central da oposição amigo-inimigo conforme o manifestado em relação ao feminismo, posts de/sobre homossexuais, negros, indígenas e outros que declararam voto em Bolsonaro foram muito compartilhados, em grande parte denunciando os ataques sofridos após essas pessoas divulgarem seu posicionamento político (Figura 19).

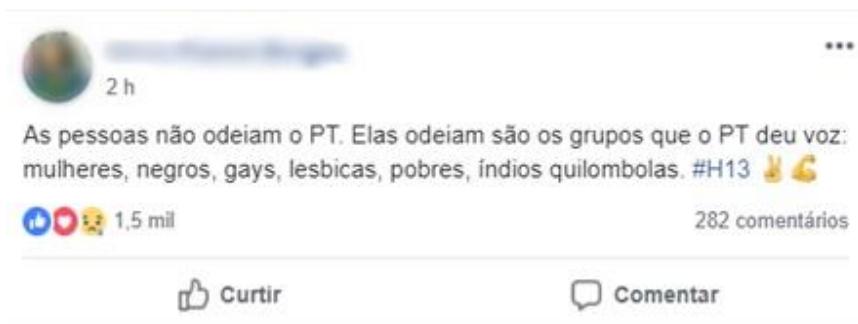


Figura 18 - MUCB: participantes associam ódio ao PT ao ódio a minorias



Figura 19 - MCB #17: denúncia de ataques a minorias favoráveis a Bolsonaro

Um caso que se destaca é o do maquiador Agustin Fernandez, abertamente homossexual, que declarou voto e chegou a se encontrar com o candidato do PSL, numa reunião que foi extremamente divulgada. Agustin é uma personalidade digital conhecida, possui mais de dois milhões de seguidores no Instagram e se desvincula do movimento LGBT (Figura 20). O seu apoio a Bolsonaro foi propagado sob duas intenções: a desconstrução da imagem homofóbica do candidato e a fabricação de uma divisão entre dois tipos de homossexuais, os esclarecidos e os “alienados”,

termo originalmente associado à esquerda que passou a ser apropriado pelos apoiadores de Bolsonaro como referência aos próprios militantes de esquerda. Aqui, a “alienação” se refere a um afastamento dos interesses amplos de uma sociedade, pressupõe a existência de um “povo” cujos interesses a atuação fragmentária de movimentos identitários, como o LGBT nesse caso, não atende.



Figura 20 - MCB#17: posicionamento de Agustin Fernandez a favor de Bolsonaro

2.2.3 Nordeste

Imediatamente após a apuração dos votos do primeiro turno e a vitória do candidato petista em todos os estados do Nordeste, semelhantemente ao movimento das eleições de 2014 com a reeleição de Dilma Rousseff, surgiram críticas e ofensas em massa aos nordestinos por parte da oposição ao PT. No MUCB, as

manifestações ofensivas foram amplamente denunciadas e apontadas como consequência dos posicionamentos políticos assumidos por Bolsonaro. Além disso, houve um movimento de louvor à “sensatez nordestina” e a manifestação do desejo de morar na região por parte das participantes (Figura 21).



Figura 21 - MUCB: PT vence primeiro turno em todo o Nordeste

No MCB #17, apesar dos posts de nordestinas anunciando sua saída (Figura 22) ou desejo de sair do grupo em razão das ofensas sofridas, os ataques foram rapidamente neutralizados pela profusão de publicações instruindo ao respeito pelas participantes nordestinas. Assim, as ofensas foram apontadas como estratégias da esquerda, interessada na desunião das mulheres do grupo, que

teria não só incentivado os ataques às nordestinas por parte das apoiadoras de Bolsonaro, como gerado os posts de ofensa a elas através de infiltradas no grupo.

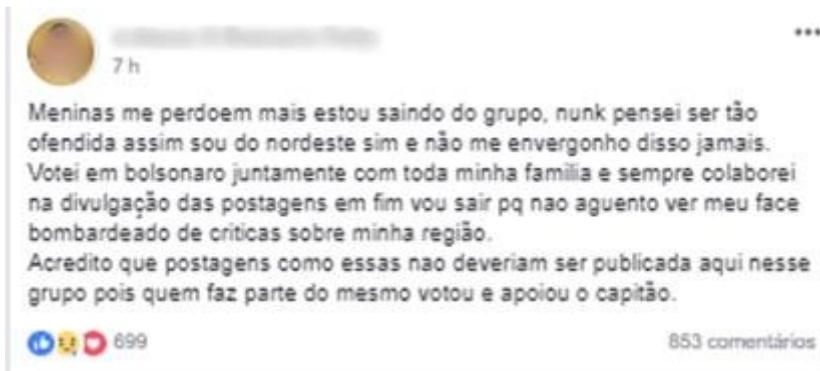


Figura 22 - MCB #17: participante nordestina anuncia saída do grupo



Moderador · 7 h

Vim aqui como Nordestina ,e uma das moderadoras do grupo,avisar que não vamos tolerar posts ofensivos contra o Nordeste.
O Nordeste votou sim no Bolsonaro,eu e muitas mulheres e homens.
Vamos ter fé,coragem e seguir ao segundo turno unidos.
Não podemos perder o apoio,ok?
Reafirmado, não vamos tolerar posts ofensivos nesse grupo contra o Nordeste. (nem nenhum outro lugar ,apesar do ataque ta sendo contra o Nordeste)
Da up quando ver

👍👍👍 Você e outras 1,8 mil pessoas · 1,2 mil comentários

Curtir **Comentar**

Ver comentários anteriores · 2 de 1.233

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=908407207678389&id=100005212959119



164.532 visualizações

Marciano Silva
4 h

Nordestinos afirmam que são Bolsonaro.

Curtir · Responder · 37m

A culpa não foi do Nordeste, teve um monte de fraudes com as urnas em vários locais. E essa fraude ridícula que não podemos aceitar, se for preciso, vamos pra rua novamente!
#B17 #EleSim 🇬🇧🇬🇧🇬🇧

Curtir · Responder · 28m

Figura 23 - MCB #17: grupo trabalha para conter ofensas a nordestinos após primeiro turno

Essa atribuição segue uma tática recorrente - nas bolhas pró-Bolsonaro principalmente -, já observada em relação às acusações de fake news e que será notória na discussão sobre fraudes nas urnas na seção seguinte, em que a acusação opera nos planos metalinguístico e metacomunicativo. Ou seja, a relação estabelecida entre os comunicadores dentro do grupo permite que os seus posts justifiquem os conteúdos dos outros posts (ofensas às nordestinas) através da identificação de “sinais” que transgredem a linguagem denotativa em si e apontam para a natureza “falsa” das mensagens (fake news, estratégias da esquerda).

2.2.4 Fraude nas urnas

A narrativa sobre as “fraudes nas urnas” foi outro dos recursos mobilizados para neutralizar a polêmica sobre as ofensas aos nordestinos e se tornou o assunto mais discutido em meio aos bolsonaristas durante e logo após as votações do primeiro turno. Vídeos de urnas supostamente alteradas que computavam automaticamente votos para o PT foram amplamente divulgados pela rede pró-Bolsonaro. Apesar de o TSE ter atestado a falsificação das imagens e a segurança das urnas, as notícias sobre urnas fraudadas foram compartilhadas por personalidades centrais da campanha Bolsonaro, como o filho, Eduardo Bolsonaro, e Joice Hasselmann, jornalista que recentemente obteve notoriedade como *youtuber* (ambos foram os dois deputados federais mais votados nas eleições de 2018).

No MCB #17, surgiram diversos relatos de urnas com problemas por parte das participantes (Figura 24), além disso, o discurso se manteve tanto antes como após a apuração dos votos e a divulgação da vantagem de Bolsonaro, pregando a vitória em primeiro turno em caso de funcionamento normal das urnas. Enquanto a discussão sobre os nordestinos teve repercussão relativamente próxima nos dois grupos que acompanhei, as publicações sobre fraude nas urnas pareciam ser restringidas à rede pró-Bolsonaro (de modo geral, a reverberação no MUCB se limitou a informações sobre a repercussão do tema no outro lado,

o que em parte pode ter sido consequência do fechamento do grupo no dia das eleições, em que nenhuma publicação foi aceita).

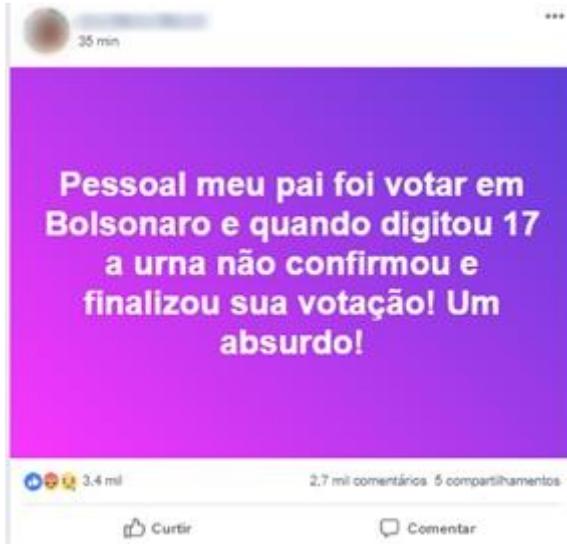


Figura 24 - MCB #17: relatos de urnas fraudadas durante o primeiro turno

Pessoal por favor, os Bolsominios estão na página do TSE questionando as urnas e indicando fraudes fakes contra o Bozo, questionando as urnas como ele disse que garia! Vamos comentar na postagem para abafar esses fascistas!
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2030719840281477&id=316828035004008

Desconfie de linguagem alarmante.

ElasDividaDasCompartilhe

Tribunal Superior Eleitoral (TSE)
 1 h · 🌐 👍 Curtir Página

Atenção!

Vídeos e mensagens em redes sociais e app de bate-papo sobre processamento dos votos na urna antes da tecla confirma SÃO FALSOS. Para saber mais: ht...
 Ver mais

Curtir · Responder · 20m · Editado 👍 1

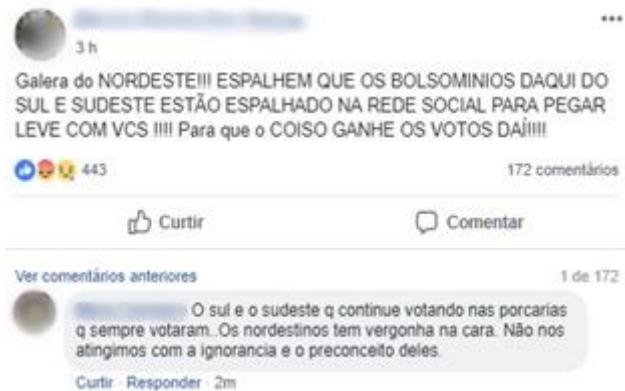


Figura 25 - MUCB: mobilização contra o movimento sobre as supostas urnas fraudadas

A intensidade com que a narrativa sobre as fraudes foi reproduzida permaneceu como incógnita no período de campo, entretanto, pode-se levantar algumas hipóteses sobre a sua função. Primeiramente, como apontado na seção anterior, a acusação de urnas fraudadas contribuiu para a justificativa da derrota de Bolsonaro no Nordeste e das reações ofensivas dos seus eleitores subsequentemente. Em segundo lugar, o questionamento da confiabilidade das urnas surgiu como um aspecto do comportamento cético em relação às fontes tradicionais de formação de opinião, como a imprensa, a classe artística e a própria ciência durante a campanha eleitoral, criando uma atmosfera de ameaça constante que funcionou a favor da mobilização dos eleitores.

2.3. “Presidente eleito pelas redes sociais”: fase final do período eleitoral e deslegitimação da mídia tradicional

2.3.1 Denúncias de caixa 2 na campanha Bolsonaro

No dia 18 de outubro, dez dias antes do segundo turno, o jornal Folha de São Paulo divulgou uma matéria apontando indícios do envolvimento da campanha de Jair Bolsonaro num esquema de caixa 2, concernente à compra de serviços de empresas que teriam fornecido pacotes de disparo em massa de mensagens contrárias ao PT via WhatsApp. O caso foi noticiado extensivamente nas mídias sociais, apesar de ter tido menor relevância na mídia tradicional (mais especificamente a televisiva), incitando reações completamente divergentes nos grupos que acompanhei.

No MUCB, as mulheres cobraram ação judicial contra Bolsonaro, clamando pela impugnação da sua candidatura e ironizando o acontecimento em relação ao modo como a campanha do candidato se fundamentou no seu não-envolvimento em esquemas de corrupção ao longo de sua trajetória política. No MCB #17, entretanto, as reações à investigação foram muito particulares: formou-se um movimento autointitulado “Marqueteiros do Jair”, que tratou as suspeitas de Caixa 2 em tom de zombaria, destacando o caráter voluntário da campanha empreendida pelo eleitorado de Bolsonaro (Figura 26).

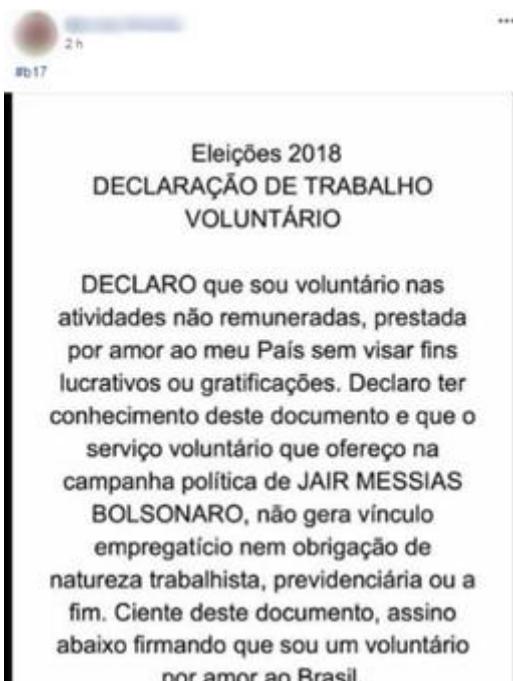
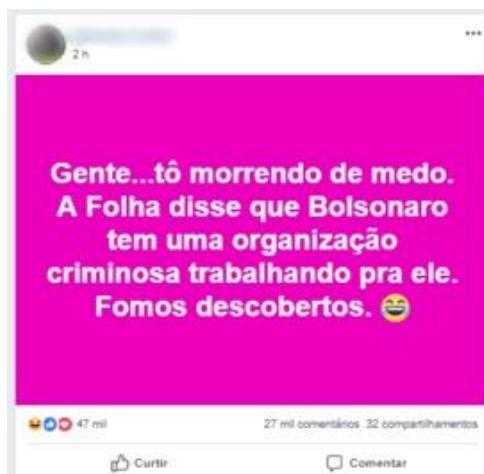


Figura 26 - MCB #17: eleitorado assume a responsabilidade pela campanha pró-Bolsonaro nas mídias sociais

Como mencionado anteriormente, a deslegitimação da mídia tradicional foi um recurso largamente utilizado em ambos os grupos e um dos aspectos mais explícitos do que caberia à definição de “bolhas”. Nos dois grupos, eram comuns posts críticos ao mesmo veículo de mídia pela apresentação feita de um mesmo evento, geralmente o veículo em questão era a rede Globo (como no caso das manifestações anteriores ao primeiro turno, em que ambos os grupos acusavam a emissora de privilegiar o outro lado). Assim, em ambas as esferas se perpetuou um discurso crítico às suspeitas ideologias que regiam a emissora e influenciavam no modo como apresentavam os fatos.

Contudo, deve-se destacar que aos poucos a desconfiança na mídia tradicional foi refinada e estabeleceu focos definidos: do lado pró-Bolsonaro, a campanha anti-Globo prosseguiu e se intensificou, formalizando também o repúdio ao jornal Folha de São Paulo, enquanto do lado oposto a descrença se materializou na Rede Record (Figura 27). Logo, proliferaram as convocações a boicotes aos veículos opositores então definidos.

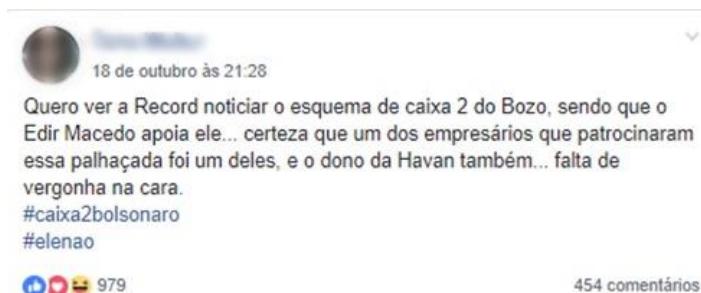


Figura 27 - MUCB: participantes cobram posicionamento da rede Record mediante suspeitas de caixa 2 na campanha Bolsonaro

20 h

Nosso Futuro Presidente!! #17# Quem me conhece bem então sabe pq sou Bolsonaro. O sentido de Família é o símbolo de ser do bem e visão de paz união e conceitos de valores 🇺🇵 17 🍷🍷🍷🍷

**VAMOS MOSTRAR A VERDADE PARA
A REDE GLOBO DE TELEVISÃO**



**ESCREVA O NOME DA CIDADE
QUE VOCÊ ESTÁ APOIANDO
BOLSONARO - (17)**

👍👎👤 7,8 mil

14 mil comentários 2 Shares



Figura 28 - MCB #17: repercussão da divulgação das pesquisas eleitorais na rede Globo, indicando queda nas intenções de voto para Bolsonaro

No relatório já mencionado de Ortellado e Ribeiro (2018), consta que, ao lado do feminismo, no período inicial da campanha as publicações anti-Globo também compuseram as três temáticas mais compartilhadas nas páginas apoiadoras de Bolsonaro de maior evidência. Assim, pode-se especular que o movimento contrário à emissora seja em parte consequência dessa articulação das frentes da campanha do candidato e a oposição à Record em meio às mulheres anti-Bolsonaro seja uma reação à preferência do presidenciável pela emissora. Deve-se atentar, também, ao prosseguimento da contestação da mídia tradicional, ou das fontes tradicionais de formação de opinião, que foi apontada na seção

anterior e que remete às estratégias adotadas por campanhas próximas a ideologias populistas, como a de Donald Trump.

18 de outubro às 21:22

Achei que a Globo não deu muita importância aos 12 milhões que o Bozo informa ter recebido de forma voluntária.

8,2 mil 3,5 mil comentários

Curtir Comentar

Ver comentários anteriores 1 de 3.588

Jogo de interesses políticos, tá fazendo como fez na campanha de Collor. #Globalixo #EleNunca

Curtir · Responder · 3 sem

Figura 29 – MUCB: sobre repercussão das denúncias de caixa 2 na campanha Bolsonaro na rede Globo

2.3.2 Debates

Também no dia 18 de outubro, a assessoria de Bolsonaro confirmou as suspeitas de que o presidente não compareceria a nenhum dos debates televisivos do segundo turno, sob justificativa de fragilidade física do candidato, que havia sofrido um atentado cerca de um mês antes. A confirmação gerou movimentações diametralmente contrárias nos grupos observados: no MUCB, a hashtag “VemProDebate” tornou-se uma das mais compartilhadas (Figura 30), enquanto no MCB #17, o discurso de responsabilização do eleitorado pela campanha do candidato prosseguiu, levando à defesa da sua recusa ao comparecimento aos debates (Figura 31).



Figura 30 - MUCB: grupo reivindica comparecimento de Bolsonaro aos debates do segundo turno



Figura 31 - MCB #17: grupo apoia recusa de Bolsonaro aos debates do segundo turno

Em meio à oposição ao candidato, disseminou-se a narrativa sobre a “fuga dos debates” como parte de sua estratégia de campanha, devido ao seu despreparo político. A campanha pela realização dos debates foi fortemente impulsionada, também, pelo

PT. Em meio às favoráveis a Bolsonaro, prevaleceu a justificativa referente às condições físicas do presidenciável, além de diversos posts apontando a insensatez de “debater com corruptos”, “ladrões”, etc. referindo-se a Haddad, que também foi frequentemente caracterizado como o emissário do ex-presidente Lula, preso por corrupção passiva e lavagem de dinheiro e que encabeçou a campanha do PT em 2018 até a impugnação da sua candidatura.

No tópico dos debates, o aspecto metacomunicativo surge no modo como a campanha pró-Bolsonaro reconfigurou o que eram considerados fóruns legítimos de campanha política nas eleições anteriores. Na recusa aos debates, no apelo às mídias sociais e no destaque dado ao baixo custo da campanha do candidato e o curto tempo televisivo reservado ao PSL, identificou-se elementos fundamentais da formação das bolhas, concernentes à hostilidade referente ao contato e ao diálogo com o contraditório.

2.3.3 Eleição de Bolsonaro e reestruturação política dos grupos

Após as votações do segundo turno e o anúncio da eleição de Bolsonaro à presidência, os grupos deram início a um processo de reestruturação política. No MUCB, as participantes espalharam posts de solidariedade após a derrota e perpetuaram um discurso de “resistência” - categoria que eventualmente viria a ocupar o lugar estrutural da esquerda enquanto oposição após as eleições - às possíveis medidas do futuro governo. As administradoras do grupo abriram uma enquete sobre o futuro do grupo em que as participantes puderam escolher entre a preferência pela formação de um partido político, associação ou ONG¹⁰(Figura 32).

No MCB #17, as mulheres também garantiram a continuidade do foco político do grupo, dando prosseguimento ao apoio ao futuro presidente (Figura 33). Além disso, em meio a congratulações após os resultados da eleição, disseminaram-se

¹⁰ A votação finalizou no dia 19 de novembro de 2018, com a vitória da opção pela formação de um partido político.

posts sobre a campanha digital realizada pelos bolsonaristas, dotadas de uma personalidade em relação ao mérito dos apoiadores de Bolsonaro, que teriam trabalhado a favor do “primeiro presidente eleito pelas redes sociais” (Figura 32).

Figura 32 - MUCB: reestruturação do grupo pós-eleições

criou uma enquete.

Administrador · 30 de outubro às 12:07

Enquete:

- *ONG
- *Associação
- *Partido Político MUCB (Mulheres Unidas Com o Brasil, exclusivo para Mulheres e LGBTs)

Segue abaixo maiores informações:

<https://m.facebook.com/groups/499414607198716?view=permalink&id=76777490362425>

<input type="radio"/>	Partido Político MUCB(Exclusivo para Mulheres)				
<input type="radio"/>	Associação				
<input type="radio"/>	ONG				

3,9 mil

2 mil comentários 2 compartilhamentos



Administrador

30 de outubro às 12:03

Saudações mulherada.

Mediante a grande comoção e o grande número de integrantes no qual viemos ganhando ao longo dessa empreitada, em prol de nossos direitos democráticos e anti-fascistas, o MUCB vem a público expor nossa vontade de continuar a luta.

Reiteramos nosso compromisso com a causa, só que de maneira que nós torne mais forte, perante a sociedade e a atual política brasileira.

Companheiras, é momento de mudanças, e como somos umas irmandade, neste momento primordial precisamos da ajuda de vocês.

O que tu mulher, irmã de luta gostaria que te representasse mediante a sociedade?

*ONG

O que é ONG?

ONG é a sigla para Organização Não-Governamental. São todas as organizações, sem fins lucrativos, criadas por pessoas que trabalham voluntariamente em defesa de uma causa, seja ela, proteção do meio ambiente, defesa dos direitos humanos, erradicação do trabalho infantil etc.

*Associação (Exclusivo para Mulheres)

O que é uma Associação?

Associação é uma organização resultante da reunião legal entre duas ou até mais pessoas, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, para a realização de um objetivo, causa comum.

*Partido Político (Exclusivo para Mulheres e LGBTQs, Partido Mulheres Unidas Com o Brasil)

O que é um Partido Político?

Um partido político é uma organização que reúne pessoas que são ligadas por princípios e ideias políticas em comum. Esses princípios são chamados de ideologia.

É uma forma de representação de poder político que é orientada pelos valores políticos e sociais de um grupo.

Conclusões finais, que cada uma vote com consciência de representatividade, em prol do coletivo.

Fortificamos o nosso apoio, e agradecemos a cada uma de vocês que lutou lado a lado por esta causa, inteiramente democrática.

Vocês são incríveis, contem sempre conosco.

Ninguém solta a mão de ninguém.

Aguardem a enquete.

   10 mil

6,5 mil comentários

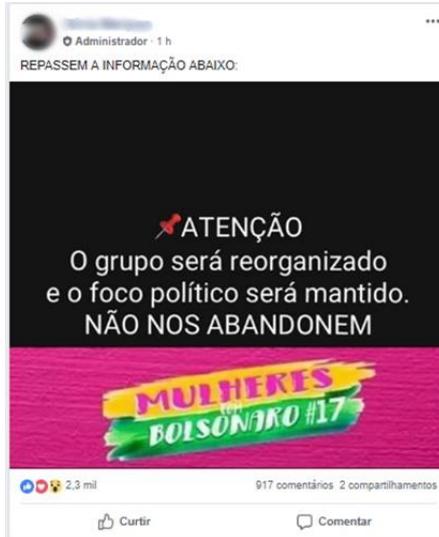


Figura 33 - MCB #17: grupo mantém foco político após eleições

Neste capítulo, procurei evidenciar como as interações entre as participantes dos grupos – aqui considerado como bolhas – funcionaram a favor do estabelecimento de fronteiras entre elas e as suas opositoras, enfatizando aspectos da ação humana online que buscavam o afastamento de ideias destoantes. No próximo capítulo, apresento a obra de Bateson em diálogo com os dados empíricos e padrões de diferenciação ou cisão apontados aqui, com o objetivo de pensar a polarização entre os polos como evidência de um sistema cismogênico.

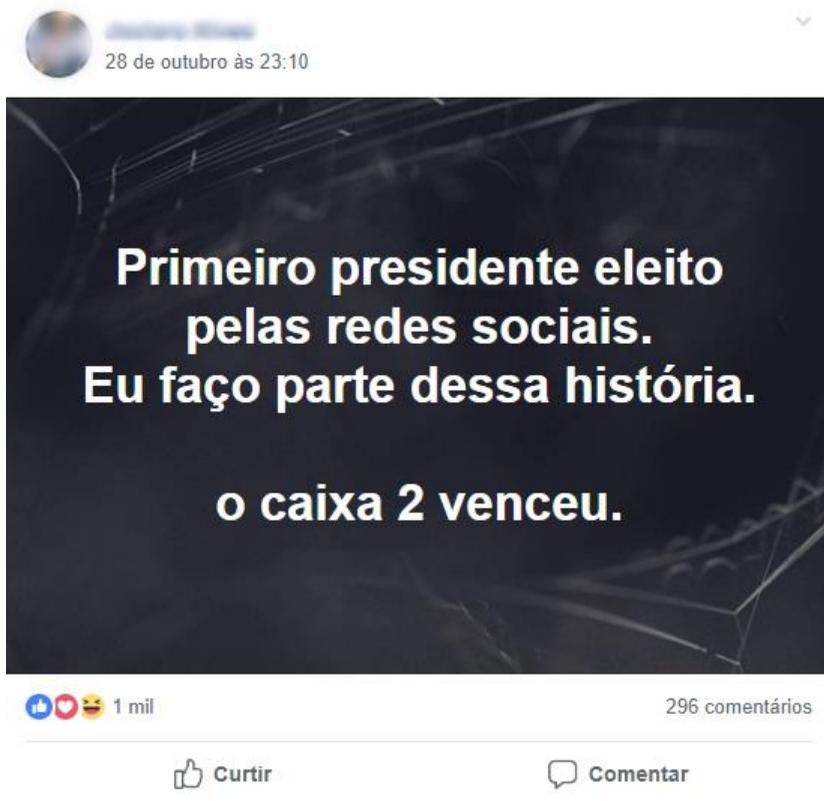


Figura 34 - MCB #17: participantes se referem a Bolsonaro como “primeiro presidente eleito pelas redes sociais”

3. A POLARIZAÇÃO ENTRE OS GRUPOS: PROCESSOS CISMOGÊNICOS E ENQUADRES EM DISPUTA

Para pensar o contexto político-eleitoral brasileiro atual pelo viés de uma polarização política que se apresentou de modo mais evidente do que na história recente do país, apresento a conceituação do que Gregory Bateson, ao partir do interesse pelos processos comunicativos entre indivíduos e grupos, definiu como “cismogênese”. Em *Naven* (1936), primeira incursão extensa do autor na antropologia, o conceito de cismogênese é utilizado para pensar a diferenciação entre os ethos masculino/feminino em meio aos Iatmul, povo da Nova Guiné. Na obra, Bateson (2006, p. 219) oferece a seguinte definição geral para o conceito: “[...] um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante da interação cumulativa dos indivíduos”.

O conceito conforme Bateson o formulou é aplicável tanto a indivíduos como a grupos, funcionando inclusive para o estudo de transtornos psicológicos como a esquizofrenia, em que se fala nos termos de uma “cismogênese interna” às personalidades dos indivíduos. Em parte, isso se deve à própria trajetória do autor e o interesse perscrutado na disciplina de psicologia social, que serve de modo geral como guia para os apontamentos feitos em *Naven*, principalmente quando o autor declara a questão para a qual seu estudo está inclinado: a análise das reações dos indivíduos às reações de outros indivíduos.

Etimologicamente, cismogênese significa a “criação da divisão”, assim, a aplicação analítica do conceito é referente à análise dos processos de coesão e desagregação dentro de sistemas comunicacionais. Bateson define dois tipos de cismogênese: a complementar, na qual as ações mutuamente promovidas são essencialmente diferentes, mas mutuamente apropriadas. Há também a simétrica, na qual as ações mutuamente promovidas são essencialmente iguais, como em casos de competições esportivas em que a meta é compartilhada pelas partes e a intensidade da ação de uma é proporcional ao quanto a outra está à sua frente (BATESON, 1987, p. 109). A analogia com o esporte é relevante

para pensar o processo eleitoral entre dois candidatos ou dois lados que agregam a maior parte do eleitorado, como foi o caso nas eleições brasileiras em 2018.

Em *Naven*, Bateson (2006, p. 227) apontou a possibilidade do estudo de fenômenos cismogênicos na política, indicando as possibilidades analíticas de uma investigação sobre a medida em que relações políticas são construídas como reações aos oponentes e a medida em que os políticos se atentam “às condições a que supostamente estão tentando ajustar-se”. Apesar de não ter prosseguido com as análises na área e ter apontado de antemão as dificuldades de estudar os processos de cismogênese num campo tão vasto e complexo como o político, o aparato que Bateson oferece parece atender em grande parte ao quadro polarizado que se apresentou nessas eleições, operando num plano metateórico em relação às perspectivas sobre as bolhas e a polarização.

A análise que proponho busca argumentar que no contexto comunicacional dos grupos pró e contra Bolsonaro se estabelecem processos de cismogênese simétrica. De antemão, deve-se destacar que os tipos cismogênicos que Bateson desenvolve não se tratam de tipos puros: a relação entre dois grupos ou indivíduos não se adequa completamente a um dos tipos. Há a predominância de uma forma de cismogênese, porém a presença de elementos da outra forma é justamente um dos fatores que garante o equilíbrio e permanência do sistema.

Ao conceber a cismogênese como os processos cumulativos de diferenciação, Bateson aponta que há uma tendência da especialização das partes em seus respectivos padrões particulares de comportamento.

É provável que quanto mais as personalidades separadamente evoluam, quanto mais especializadas elas se tornem, mais difícil seja para perceberem o ponto de vista da outra. Por fim, atinge-se um ponto em que as reações de cada parte não constituem mais uma busca pela resposta

inicialmente satisfatória, mas são uma simples expressão do desagrado pelo tipo de ajuste emocional ao qual a outra parte foi forçada. As personalidades tornam-se assim mutuamente contra-sugestionáveis. Em lugar de padrões de comportamento originalmente adotados, talvez, em um esforço para ajustar-se à outra parte, temos agora padrões que são, definitivamente, uma reação contra a outra parte. Assim a cismogênese toma outra forma, e o relacionamento torna-se cada vez menos estável (BATESON, 2006, p. 229).

Considerando essa tendência à instabilidade, pressupõe-se a existência de fatores que garantam certo grau de coesão entre as tendências opostas, caso contrário, toda relação cismogênica invariavelmente levaria à cisão social. Para o autor, deve-se pensar a cismogênese como um processo que não “avança inexoravelmente, mas, antes, como um processo de mudança que, em alguns casos, é ou controlado ou continuamente contrariado por processos inversos” (BATESON, 2006, p. 230). Ele aplica o conceito de “equilíbrio dinâmico” para caracterizar como grupos em processos cismogênicos mantêm certa estabilidade, através de equilíbrios garantidos pela existência de duas ou mais reações opostas acontecendo simultaneamente.

Assim, fatores que asseguram contra a fissão social se apresentam de diversas formas: uma, já citada, refere-se à “mistura” entre elementos dos dois tipos de cismogênese, que garante o alívio de tensões presentes nas relações. Um outro caso é o que se apresenta no ritual do *Naven* em que, através da passagem da “aspereza à bufonaria”, há a promoção de uma “inversão” dos ethos masculino e feminino que coloca em comunicação as partes que tendiam a se separar. Há também aspectos como a lealdade ou a união mediante uma ameaça externa

- seja em que formato se apresente - que contribuem para evitar uma diferenciação cumulativa rumo à anulação da relação. Desse modo, há um elemento paradoxal nas relações cismogênicas referente à interdependência dos lados antagônicos.

Em termos de polarização política, proponho complementar o conceito de cismogênese através de outro da obra batesoniana: o conceito de *framing* ou enquadre, apresentado pelo autor em meio aos estudos no campo da psicologia. No conceito de enquadre, segue-se o pressuposto que guia a análise do Naven: interessa menos, em determinado contexto, as partes em interação do que a relação entre elas. Assim, os enquadres se caracterizam como “[...] quadros de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 188).

A noção advém do artigo publicado em 1955, *A Theory of Play and Fantasy*, em que Bateson (1987, p. 178) argumenta que a comunicação verbal humana opera em diferentes níveis de abstração: para além do nível “denotativo”, há o nível metalinguístico, que inclui “as mensagens explícitas ou implícitas em que o objeto do discurso é a linguagem” e há o nível metacomunicativo, em que “o objeto do discurso é a relação entre os falantes”. Desse modo, a noção de enquadre aponta para a interpretação que os quadros de sentido que permitem a interação são construídos através de sentidos partilhados que indicam quais elementos da comunicação devem ser salientados e quais devem ser descartados. Tal noção de que a comunicação humana se estrutura através de uma intersubjetividade determinante no modo como as mensagens trocadas entre as pessoas são interpretadas nos é útil para pensar como a informação é recebida pelas partes em contextos altamente polarizados como o analisado.

Conforme Mendonça e Simões (2012) apontam ao realizar um levantamento sobre as aplicações do conceito de enquadre na academia, há dois tipos de análise que parecem ser os mais profícuos: a análise da situação interativa e a análise de conteúdo discursivo. No primeiro caso, as pesquisas tendem a aproximar a ideia de enquadre à de contexto, atentando-se ao envolvimento dos atores em interação, operacionalizando o conceito em uma análise

microsociológica que reflete valores e características de um contexto social maior, sem excluir, entretanto, a relação entre os enquadres num plano inconsciente, através da mimetização por exemplo – aspecto fundamental para pensar a pesquisa online (essa interpretação é mais característica do uso posterior que Goffman faz do conceito batesoniano).

No caso das análises de conteúdo discursivo, o conceito é operacionalizado no interesse pelas particularidades de discursos variados que indicam “molduras de sentido” que definem os modos como a realidade é enquadrada pelos atores através de diferentes linhas interpretativas (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 194). Conforme os autores argumentam, o diálogo entre essas duas linhas de pesquisa parece apontar os caminhos mais produtivos para a análise acadêmica, pois levam à noção de que os quadros de sentido não estão à disposição dos atores para um uso estratégico, mas fazem parte de “construções culturais profundas” que influenciam as ações dos sujeitos no plano consciente e inconsciente.

Desse modo, ao situar os enquadres na própria cultura, o problema político se complexifica. A análise de conteúdo discursivo é justamente a que tem sido mais utilizada em análises sobre comunicação e política, pois conforme os autores apontam, nessa perspectiva considera-se que “[...] os *frames* podem definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções [...]” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 193). Os enquadres auxiliam no entendimento do processo cismogênico em curso nos grupos observados, uma vez que a comunicação em meios digitais parece se estruturar a favor da caracterização dos indivíduos como “adversários” por pautar-se numa comunicação primordialmente textual e imagética em que os elementos paralinguísticos das interações são ocultados.

Assim, o conceito ajuda a explicar por que os conteúdos vindos de opositores eram interpretados como *fake news* ou agressões pelas participantes dos grupos, principalmente ao considerarmos como a adoção de “temas de perfil” (espécies de logos em apoio aos candidatos cuja aplicação foi muito incentivada, conforme exemplificado na seção 2.1.2), foi um

recurso amplamente utilizado nesse contexto eleitoral, contribuindo para a associação dos interlocutores a um determinado lado antes mesmo que a comunicação se estabelecesse. Esse elemento de uma desqualificação da mensagem que se dá de antemão é característico dos processos cismogênicos e permite questionar: se dentro de uma determinada sociedade existem dois grupos em cismogênese, pode acontecer que os sentidos partilhados nesses grupos se diferenciem tanto, ao ponto que a divergência de enquadres torne a comunicação entre eles inviável?

Um cenário em que há a manifestação dessa cisão hipotética parece caracterizar o que a academia tem conceituado como “bolhas” ou “câmaras de eco”, conforme apresentado no capítulo 1. Os processos de “balcanização” de que Sunstein fala em muito se assimilam aos processos cismogênicos de Bateson e denotam outro aspecto fundamental que foi observado durante o campo: a interação cumulativa, que produz a diferença também se pauta na mimetização e na identificação, conforme foi observado em momentos como as manifestações EleNão incentivando as manifestações “EleSim”; a recusa de Bolsonaro aos debates inspirando o movimento #VemProDebate, que por sua vez impulsionou o movimento contra os debates; a adoção de apelidos “análogos” – Malddad, Bozo...

Essas características são próprias de sistemas circulares, ou seja, sistemas que funcionam em ciclos nos quais a ação produz reação; a mensagem é enviada e retorna como novidade, dando início a um novo ciclo. Segundo Bateson (2006, p.312), esses sistemas por natureza buscam ou um estado estável ou sofrem uma mudança exponencial progressiva - há aqui duas noções em operação: a de *feedback* positivo, enquanto o resultado de ciclos que promovem a intensificação de determinadas tendências e a de *feedback* negativo, quando os efeitos dos ciclos provocam alterações na direção oposta, funcionando em prol da estabilidade. Aqui opera a ideia de um equilíbrio processual, sobre sistemas que são autocorretivos à medida que dentro dos circuitos se estabelece um elo entre duas partes determinando uma relação inversamente proporcional entre elas (o princípio de *feedback* seria fundamental

nos desenvolvimentos posteriores do autor no ramo da cibernética).

Para Bateson, a coesão se estabelece como um arranjo contínuo, mais do que uma meta, um resultado estável - mais uma vez, o que se manifesta na ideia de equilíbrio dinâmico. A conceituação da cismogênese surgiu do interesse do autor, num sentido próximo ao durkheimiano, sobre os fatores que fabricam a coesão social dentro de determinados grupos, nesse caso mais especificamente, os fatores que promovem a estabilidade dentro de sistemas circulares. Nisso, existe uma preocupação com os elementos de ordem/desordem que se apresenta da seguinte forma:

Ordem e desordem não são estados ou condições da matéria, mas classificações dela. Coesão ou desagregação são feitas dos mesmos elementos, são determinadas disposições dos processos vitais, sociais ou mentais. Elas são produzidas ao mesmo tempo, há uma operação permanente de deixar a desordem no exterior e a ordem no interior – operação que não é material/energética, mas comunicacional (GEIGER, 2006, p. 52).

A ideia de uma coesão social que é tecida processualmente, através de relações comunicacionais que fabricam tipos de classificação remete à obra de Mary Douglas. Em *Pureza e Perigo* (1966), a autora se debruçou sobre as ideias de higiene para propor uma linha de pesquisa comparativa entre religiões “primitivas” e “modernas”, pensando a noção de sujeira como consequência de sistemas classificatórios simbólicos, numa perspectiva que nos fornece meios para abordar a demarcação de fronteiras de grupos num sentido sociológico. Para Douglas, as ideias de pureza/impureza estão intrinsecamente ligadas a ideias de ordem e desordem, e “sujo” é a característica daquilo que desafia

classificações ideais numa determinada sociedade ou grupo qualquer – um mecanismo que opera de diferentes escalas, como a cismogênese:

Se pudermos abstrair a patogenia e higiene de nossa noção de sujeira, estaremos diante da velha definição de sujeira como um tópico inoportuno. Esta é uma abordagem muito sugestiva. Implica duas condições: um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção desta ordem. Sujeira, então, não é nunca um acontecimento único, isolado. Onde há sujeira há sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados. Esta ideia de sujeira leva-nos diretamente ao campo do simbolismo e promete uma ligação com sistemas mais obviamente simbólicos de pureza. (DOUGLAS, 2012, p. 50)

Na exposição do capítulo anterior, há dois momentos em que as ideias de Douglas parecem se aplicar ao comportamento nos grupos de modo mais evidente, o primeiro é referente ao processo de “limpeza” dentro dos ambientes, como as próprias participantes se referiram à exclusão das infiltradas. As ações enfáticas referentes à eliminação das opositoras nos grupos denotam o aspecto positivo das classificações de pureza/impureza: quando se identifica a “sujeira”, há a necessidade de reorganização social em prol do restabelecimento da ordem. A reorganização, por sua vez, se pauta na expansão e acentuação de determinados padrões dentro do grupo, em oposição àquilo que está fora dele (cada vez mais

mecanismos de proteção contra as infiltrações e acirramento dos antagonismos).

O segundo caso se apresentou na caracterização das feministas dentro do MCB #17, que como ilustrado anteriormente, incluiu frequentes referências a um comportamento anti-higiênico e subversivo por parte dessas mulheres. Nessas manifestações, as questões de pureza foram ainda mais visíveis, as constantes críticas a comportamentos atribuídos às mulheres que se identificam com o feminismo, como urinar nas ruas, denotavam claramente alguns critérios classificatórios referentes a noções de impureza. Para além disso, a ideia de “limpeza” surgiu noutras frentes, como nos discursos de combate à corrupção e ao banditismo e nos favoráveis ao “fim da doutrinação marxista nas escolas” – materializado no projeto Escola Sem Partido.

Paralelamente, nota-se que quando Douglas (2012, p. 12) afirma que a “sujeira só existe aos olhos de quem vê”, a sua interpretação parece se aproximar do conceito de enquadre. Afinal, quando trata de sistemas simbólicos, a autora trata de sentidos compartilhados, de modo que os próprios conceitos de ordem e desordem se afirmam em enquadres específicos de determinados contextos. Para as feministas, por exemplo, a não-depilação é uma manifestação simbólica do ideal de libertação feminina, enquanto para as mulheres que recusam a associação ao feminismo, depilar-se é uma questão de cuidado e os pelos denotam sujeira e desleixo. Além de explicitar a associação entre sujeira e desordem, as inferências no campo remetem a outro desdobramento da obra de Douglas, sobre a noção de perigo. A autora aponta que tanto os preceitos classificatórios positivos como negativos se mantêm através da sua eficácia, de modo que o perigo que paira sobre os transgressores é o que assegura a manutenção da ordem social ideal (DOUGLAS, 2012, p. 13).

Conforme Douglas coloca, a desordem desestabiliza o sistema, porém, também fornece os materiais para a sua reorganização e a manutenção da ordem. No campo, observou-se a militância (em várias frentes: feminista, negra, LGBT, dos professores...) sendo determinada como o fator desestabilizante e o inimigo que garantia a integridade do grupo na rede pró-

Bolsonaro, manifestando o aspecto paradoxal da cismogênese apontado anteriormente. Ao definirem aquilo que está fora da ordem – comportamento feminista, esquerdista, comunista, petista.... - Os posts dentro do MCB #17 forneciam estímulos afetivos para que as mulheres desejassem pertencer ao grupo que representava a família, a beleza e a norma.

Partindo da noção que a impureza é um perigo por representar aquilo que desafia o sistema, notou-se a estimulação do desejo de pertencer ao grupo da ordem através da postulação dos elementos que constituiriam as “ameaças externas”. Nos grupos, isso se explicitou no estabelecimento dos comportamentos citados como “fenômenos anômalos”, que de acordo com Douglas, são classificados como perigosos de uma maneira que os furta à discussão. No MUCB, esse elemento ameaçador também foi claro: se consolidou no próprio Bolsonaro, enquanto o eixo que uniu todas as mulheres do grupo e se estende para outros fatores de ameaça que as participantes identificaram ao candidato (comportamento fascista, conservador, direitista...).

Associado aos elementos “identitários”, o fator “ameaça” surgiu em diferentes formulações talvez ainda mais explícitas, como no caso da discussão sobre fraude nas urnas. Nesse tópico, as instituições tradicionais constituíram a ameaça: na rede pró-Bolsonaro, a vitória do candidato era um fato, comprovado justamente pela existência dessa rede – as condições de “verdade” sendo associadas à experiência direta das pessoas. O prosseguimento das eleições para o segundo turno, portanto, impulsionou a reação ostensiva da rede; afinal, em estado de “normalidade”, a vitória teria sido garantida. O prolongamento das eleições indicaria a associação do sistema eleitoral à desordem, fomentando a denúncia de sua corruptibilidade por parte dos eleitores.

Esse aspecto anti-sistema promovido através de noção de ameaça se estendeu para a discussão das *fake news*: interpreta-se que o sistema foi corrompido, as autoridades científicas e intelectuais que tradicionalmente ocuparam o posto de formadoras de opinião já não são mais confiáveis, assim, a veracidade da informação só pode ser garantida pela compatibilidade entre os

interlocutores. Apesar desse movimento ter se manifestado de modo particular em meio às bolsonaristas – as notícias falsas com mais número de compartilhamentos eram favoráveis ao candidato do PSL, segundo checagem da Agência Lupa -, conforme apontado anteriormente, não foi restrito a elas.

Na outra bolha, as notícias falsas no geral tinham a função de vangloriar os governos petistas, mas também de desmoralizar Bolsonaro, como nas acusações sobre o suposto caráter “forjado” do atentado que o candidato sofreu e na atribuição do rótulo de torturador ao General Mourão, candidato à vice-presidência pelo PSL¹¹. As conspirações sobre o atentado, por sua vez, expressam a ação dos aspectos metacomunicativos nas interações dentro da bolha de oposição ao presidenciável: manifesta-se a associação entre o emissário e a mensagem desqualificando a informação no sentido que o que vem da oposição de antemão é dado como falso.

A associação entre *fake news* e fatores de ameaça à ordem permite traçar aqui mais um paralelo com Bateson, quando aponta a existência de elementos externos ameaçadores justamente como um dos fatores para a união de dois grupos em processo cismogênico. Na oposição a Bolsonaro, os diferentes níveis da associação entre as mulheres mediante fatores de ameaça se expressaram em torno dos eixos “democracia em risco” e “crescimento do fascismo”. Na rede de apoio ao candidato, por sua vez, esse papel foi cumprido em grande parte pelas temáticas “disseminação da ideologia de gênero” e “estabelecimento do comunismo”.

Nos processos de cismogênese de que tratamos aqui, portanto, o fator “ameaça” funcionou como um dos principais mecanismos de integração interna nos grupos, determinante tanto para a criação de fronteiras entre eles, como para a manutenção dessas ao atribuir uma homogeneidade aparente aos opositores.

¹¹ Aqui temos uma *fake news* que opera através da distorção, pela associação do político a posições de apologia à tortura, diferenciando-se da criação e elaboração da mentira como visualizado noutras demonstrações. Por sinal, as diferentes categorias que compõem o conceito de *fake news* são um assunto para discussões futuras.

Aqui, a ideia da atribuição de “identidades únicas” de Pariser (promovida pelo modo como os perfis são apresentados no Facebook), em que há a ênfase em aspectos seletivos das personalidades, pode ser retomada como uma das particularidades do âmbito online.

Admite-se que as interações digitalizadas, puramente linguísticas e estéticas, auxiliadas pela própria estrutura dos sites de mídias sociais e a oferta de mecanismos que possibilitam a redução do contato com aquilo a que se opõe (opções para desfazer amizade, não mostrar no *feed*, ocultar conteúdo...) ampliam uma tendência ao “reducionismo”. A percepção de identidades únicas constitui uma noção analítica importante ao pensarmos as fronteiras de grupo através da classificação ordem/desordem: a mobilização dos afetos se dá através do estabelecimento de um inimigo bem definido.

Desse modo, a bolha é em grande parte intencional no sentido de que existem sistemas de valores representados nos grupos formados e há agência dos sujeitos ao escolher participar desses e distanciar-se dos outros. Entretanto, o ambiente digital também propicia uma redução da complexidade das interações através de formatos que facilitam a exclusão da informação que desafia noções preexistentes dos indivíduos, através da agência humana e também pela agência maquínica (inclui a algorítmica), que se retroalimentam aos moldes da dinâmica cibernética dos *feedbacks* tal qual avançada por Bateson. A ideia de “retroalimentação, inclusive, permite um paralelo com as ideias de Boelstroff sobre a separação entre os âmbitos do online e off-line, no sentido que existem em formas particulares, mas fornecem elementos para a ação dentro dos respectivos espaços:

Confronted with multiple embodiments, and thus with indexical fields of reference that are multiple in a new way, we thereby face the virtual as an emergent set of social realities that cannot be straightforwardly extrapolated from the physical world. For instance the social

intentions, emotions, decisions and activities that take place on Facebook cannot be reduced to the physical-world activities and identities of those who participate in it, even though these can have physical-world consequences ranging from a romance's dissolution to a political revolution. (BOELSTROFF, 2012, p. 52)

A partir disso, a ideia de um enclausuramento em bolhas enquanto um estado fixo é desafiado, pois como notou-se nos grupos, o contato com a informação divergente existe: frequentemente as participantes traziam *prints* de posts cujo conteúdo contrariava as suas posições, porém qualificados como informações falsas. Esses “furos na bolha”, no geral apresentados na repercussão das acusações *fake news*, corroboram o argumento de que as bolhas observadas se consolidaram menos através da ignorância da informação do que da diferença entre os enquadres: há o contato com a informação contraditória, mas no geral a legitimidade da contradição é recusada. Ou seja, a formação das bolhas é processual e pode ser entendida através da perspectiva dos sistemas circulares, em que o conteúdo de uma parte é recebido pela outra parte produzindo uma reação que fornece os elementos para a manutenção da relação cismogênica.

Os sistemas cismogênicos em si têm como efeito uma redução da complexidade das interações no sentido que foi apontado anteriormente: é comum que as relações opositivas escalem ao ponto que o próprio conteúdo da oposição é perdido. Esse aspecto foi proeminente no campo, onde observou-se rivalidade acentuada em que frequentemente o ataque ao outro através de provocações consistia apenas em um desejo de diferenciação proveniente de linhas de interpretação divergentes. O conflito, no caso, pautava-se numa relação competitiva, que se intensificou no segundo turno de modo particular, levando em conta os incentivos ao não reconhecimento dos candidatos (apontados na seção 2.2) e a ausência de debates televisionados

entre eles, ou seja, a defesa de seus respectivos programas face a face não aconteceu. Desse modo, a oposição pareceu se dar na forma de enquadres em disputa, ou seja, diferentes enquadres da realidade que contribuíram para a escalação do conflito em vários níveis.

Retomamos, portanto, o argumento sobre a cismogênese simétrica, utilizada para caracterizar a relação entre os grupos. Para embasar essa caracterização, foram apontados como os padrões comportamentais na rede pró e contra Bolsonaro frequentemente se pautaram em estratégias simétricas para a desqualificação do lado oposto, elencadas como: fechamento dos grupos, exclusão de infiltradas, acusações e divulgação de *fake news*, deslegitimação de meios tradicionais de informação e rotulação e incentivo ao não-reconhecimento da oposição.

Symmetrical differentiation: To this category may be referred all those cases in which the individuals in two groups A and B have the same aspirations and the same behavior patterns, but are differentiated in the orientation of these patterns. Thus members of group A exhibit behavior patterns A, B,C in their dealings with each other, but adopt the patterns X,Y,Z in their dealings with members of group B. Similarly, group B adopt the patterns A, B, C among themselves, but exhibit X,Y,Z in dealing with group A. Thus a position is set up in which the behavior X, Y, Z is the standard reply to X, Y, Z. This position contains elements which may lead to progressive differentiation or schismogenesis along the same lines. If, for example, the patterns X,Y,Z include boasting, we shall see that

there is a likelihood, if boasting is the reply to boasting, that each group will drive the other into excessive emphasis of the pattern, a process which if not re-restrained can only lead to more and more extreme rivalry and ultimately to hostility and the breakdown of the whole system (BATESON, 1987, p. 68)¹².

Por vezes, o comportamento nos grupos pareceu se adequar à categoria de cismogênese complementar, porém como indicado anteriormente, os sistemas cismogênicos não se caracterizam como tipos puros e a ênfase no comportamento simétrico aqui se justifica na identificação das metas dos grupos como o alcance de uma hegemonia a ser garantida pelas eleições. Ainda que os sistemas de valores defendidos nos respectivos lados não se igualem, em grande parte do tempo as práticas adotadas para

¹² Tradução livre: Diferenciação simétrica: categoria referente a todos os casos em que os indivíduos em dois grupos A e B têm as mesmas aspirações e os mesmos padrões de comportamento, mas são diferentes na orientação desses padrões. Desse modo, membros do grupo A exibem os padrões comportamentais A,B,C ao lidar consigo mesmos, mas adotam os padrões X,Y,Z ao lidar com os membros do grupo B. Similarmente, o grupo B adota os padrões A,B,C entre eles mesmos, mas exibem X,Y,Z ao lidar com o grupo A. Assim, configura-se uma posição em que o comportamento X,Y,Z é a resposta padrão para X,Y,Z. Essa posição contém elementos que podem encaminhar para a diferenciação progressiva ou cismogênese, pelas mesmas vias. Se, por exemplo, os padrões X,Y,Z incluem a bravata, existe uma probabilidade, se bravata é a resposta para a bravata, que cada grupo vai levar o outro à ênfase excessiva do padrão, um processo que se não for contido, só pode levar a mais e mais rivalidade e por final à hostilidade e a destruição de todo o sistema.

o alcance da meta dentro do contexto eleitoral se assimilaram, de maneira que a rivalidade entre os grupos funcionava num circuito de agressividade produzindo agressividade, silenciamento (no sentido de excluir todo conteúdo relacionado ao outro) produzindo silenciamento...

Em grande parte, o funcionamento desse sistema circular pareceu influenciar na produção das bolhas, ou seja, na criação de ambientes em que se estipula a concordância geral. Ao utilizar da teoria batesoniana sobre cismogênese, portanto, busquei apontar o modo como a agregação de vozes consoantes se dá através de processos que se complexificam cumulativamente, sendo a contrariedade um aspecto fundamental para a manutenção do sistema. Ou seja, as bolhas, pelo menos quando tratamos de problemas políticos, só se mantêm pela existência daquilo a que se opõem e não se configuram como especificidades do âmbito digital, mas certamente o formato das mídias sociais oferece os mecanismos que facilitam tanto a criação como a permanência dessas bolhas.

Uma perspectiva possível para pensar essas particularidades das interações digitalizadas é através do conceito de “affordances”, conforme elaborado por James Gibson para compreender uma relação entre organismo e ambiente em que as ações do primeiro são propiciadas pela configuração do segundo e cuja percepção, por sua vez, depende da forma como as relações se estabelecem nele:

The affordances of the environment are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either for good or ill. The verb to afford is found in the dictionary, but the noun affordance is not. I have made it up. I mean by it something that refers to both the environment and the animal in a way that no existing term does. It implies the complementarity of the animal and

the environment (GIBSON, 2016, p. 119).

Conforme colocado anteriormente, a adoção de temas, a comunicação predominantemente textual, os mecanismos de exclusão de conteúdo dos *feeds* e outros aspectos denotaram o modo como a própria estrutura do Facebook modula a comunicação que os membros da plataforma. Ou seja, o conceito indica possibilidades de pesquisas futuras apontando como essa recursividade que Gibson descreve se manifesta nas mídias no sentido que as interfaces – concebidas como o “ambiente” – propiciam interações em que as dimensões da comunicação face-a-face que contribuem para a compreensão entre os interlocutores são suprimidas.

Pode-se interpretar, portanto, que os sujeitos políticos se constroem online através de relações que se estabelecem em diferentes níveis, os principais sendo: entre as pessoas e a tecnologia, em termos da materialidade do ambiente digital e entre as pessoas em si, através de movimentos de associação e dissociação impulsionados por noções pré-adquiridas. Esses níveis são determinantes no modo como indivíduos e grupos recebem e reproduzem o conteúdo não só nas mídias sociais como fora delas, off-line. Assim, apesar de ser um fato pré-digital, a polarização política se estende para o âmbito online e os modos como opera nesse influem nos modos como se apresenta fora dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme indiquei na introdução, este trabalho foi desenvolvido através de um longo processo de “lapidação” de interesses difusos até a definição de um problema que pudesse ser pensado empírica e teoricamente de modo minimamente coerente. No exercício de introdução à pesquisa que apresentei aqui, idealizei uma apresentação quase cronológica: comecei pela breve revisão da literatura sobre as bolhas, que suscitou as primeiras indagações apontando para meu futuro objeto; após, apresentei os grupos que constituíram o campo, cujos processos de entrada dividiram-se entre o acesso involuntário e a minha primeira tentativa de adentrar - ativa e conscientemente - uma bolha. Finalmente, realizei uma curta discussão sobre os aspectos que identifiquei como padrões de comportamento no campo tentando articulá-los com bibliografias conhecidas, mas às quais retornei justamente após os primeiros contatos com os grupos.

Através dos esforços pela articulação entre esses três momentos da pesquisa, evitei fornecer explicações generalizantes para fenômenos tão complexos e contextuais como a polarização política e a formação de bolhas - por sinal, perceber essa tendência em parte da literatura foi um dos incômodos que incentivou meu interesse. Pelo contrário, aqui busquei analisar os dois grupos expostos dentro do cenário brasileiro sem pretensões de esgotar os motivos pelos quais foram criados e pelos quais se mantêm, minha intenção foi evidenciar o que percebi na observação do conteúdo das interações nesses ambientes como a agência dos membros a favor de um “fechamento”, de uma demarcação de fronteiras os que pertencem e os que não pertencem. Inclusive, deve-se atentar que as bolhas analisadas aqui são bolhas de um caráter muito particular, um caráter político específico de um período eleitoral, ou seja, as inferências de pesquisas sobre bolhas de “outros formatos” devem apontar conclusões diferentes.

Tentei expor as relações opositivas no campo como efeitos de um sistema circular, conforme Bateson os conceituou, em que as ações de uma parte alimentam as reações da outra num processo contínuo. Procurei destacar os diferentes níveis em que

essas interações cumulativas entre as participantes dos grupos se manifestavam no fortalecimento de antagonismos, ou seja, o modo como os processos cismogênicos funcionaram, gerando diferenciação através de estratégias análogas. Com isso, pretendia oferecer possíveis *insights* que a pesquisa etnográfica permitiu, principalmente em relação ao modo como os elementos metacomunicativos operaram na reprodução da oposição, ou seja, como a polarização em grande parte pareceu ser uma situação em que há enquadres em disputa e esses enquadres geram noções contraditórias em relação ao que configura ordem e o que configura desordem.

Por fim, creio que os apontamentos feitos ajudam a evitar nos estabelecermos como herdeiros dos “apocalípticos” dos primeiros estudos do ciberespaço ao discutirmos sobre a temática das bolhas. Todo artefato tecnológico está inserido num emaranhado de relações que determinam seus usos, de modo que a pesquisa em mídias sociais deve manter-se atenta aos modos como somos afetados por decisões que não cabem a nós. Entretanto, é crucial, também evitar a acomodação em discursos que declaram a passividade perante a tecnologia: no estudo das mídias sociais, devemos nos atentar tanto ao modo como os formatos de aplicativos e sites modulam nossa comunicação, nossos quadros de sentido e práticas de maneiras novas, como aos modos como refletem aspectos pré-digitais e tradicionais da forma como vivemos, das crenças que sustentamos e etc.

Por isso, a antropologia tem muito a oferecer no que concerne aos “assuntos digitais”, por possibilitar metodologicamente e teoricamente investigações que seguem essas continuidades e descontinuidades entre a vida “digital” e a “analógica”, mergulhando nas áreas em que aparentemente se mesclam. É por essas razões, também, que penso que pesquisas etnográficas futuras devam considerar os aconselhamentos de Daniel Miller e investir em contatos que permitam a interlocução com determinados grupos tanto online como off-line. Por ora, me contento, pela incipiência de minha pesquisa, com a minha restrição aos posts, comentários e *likes* do Facebook, porém

espero que as digressões postas aqui sirvam para o desenvolvimento de interesses posteriores.

Referências bibliográficas

BAKSHY, E.; MESSING, S.; ADAMIC, L. A.. Exposure to ideologically diverse news and opinion on Facebook. **Science**, [s.l.], v. 348, n. 6239, p.1130-1132, 7 maio 2015. American Association for the Advancement of Science (AAAS). <http://dx.doi.org/10.1126/science.aaa1160>. Disponível em: <http://science.sciencemag.org/content/348/6239/1130>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BARBERÁ, Pablo *et al.* Tweeting From Left to Right. **Psychological Science**, [s.l.], v. 26, n. 10, p.1531-1542, 21 ago. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0956797615594620>. Disponível em: [http://www.psych.nyu.edu/jost/Tweeting from Left to Right_Is Online Political Communication More Than an Echo Chamber.pdf](http://www.psych.nyu.edu/jost/Tweeting%20from%20Left%20to%20Right_Is%20Online%20Political%20Communication%20More%20Than%20an%20Echo%20Chamber.pdf). Acesso em: 03 abr. 2018.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution and epistemology. Northvale: J. Aronson, 1987.

BATESON, G. **Naven**: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato composto, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. 2. Ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

BOELSTORFF, T. Rethinking Digital Anthropology. *In*: HORST, H. A.; MILLER, D. **Digital anthropology**. London: Berg, 2012.

BOXELL, Levi; GENTZKOW, Matthew; SHAPIRO, Jesse M.. IS THE INTERNET CAUSING POLITICAL POLARIZATION? EVIDENCE FROM DEMOGRAPHICS. **Nber Working Papers**, Cambridge, p.1-26, mar. 2017. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w23258.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2017.** Disponível em: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_DOM. Acesso em: 3 out. 2018.

DATAFOLHA. **USO DE REDES SOCIAIS**, 2018. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/27/44cc2204230d2fd45e18b039ee8c07a6.pdf>. Acesso em: 28 out. 2018.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DUBOIS, Elizabeth; BLANK, Grant. The echo chamber is overstated: the moderating effect of political interest and diverse media. **Information, Communication & Society**, [s.l.], v. 21, n. 5, p.729-745, 29 jan. 2018. Informa UK Limited.

GEIGER, A. Apresentação. *In: Naven*: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. 2. Ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. New York: 2015.

GILLESPIE, T. The Relevance of Algorithms. *In: GILLESPIE, T. Media Technologies*, Cambridge, MA: MIT Press, 2012.

HORST, H. A.; MILLER, D. **Digital anthropology**. London: Berg, 2012.

LEETARU, K. Why 2017 Was The Year Of The Filter Bubble?. **Forbes**, Nova Iorque, dez. 2017. Disponível em : <https://www.forbes.com/sites/kalevleetaru/2017/12/18/why-was-2017-the-year-of-the-filter-bubble/#52373f61746b>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MILLER *et al.* **How the World Changed Social Media**. UCL Press: London, 2016.

ORTELLADO, P., RIBEIRO, M. M. **A campanha de Bolsonaro no Facebook: Antissistêmica e conservadora, pouco liberal e nada nacionalista**. Disponível em: <http://www.monitordigital.org/wp-content/uploads/bolsonaro40dias.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

PARISER, E. **The Filter Bubble: What The Internet Is Hiding From You**. Londres: Penguin Books Ltd, 2011.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Ed. Zahar, 2012.

RIFIOTIS, Theophilos. **Antropologia do Ciberespaço**. Questões Teórico- Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002

RIFIOTIS, T. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. **Civitas**. Porto Alegre: v. 12, n. 3, set.-dez. 2012, p. 566-578.

RIFIOTIS, T. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 31(90), 2016, p. 85-98

SPYER, J. **Social Media in Emergent Brazil: How the Internet Affects Social Change**. UCL Press: London, 2017.

STRATHERN, M. Cutting the Network. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, Vol. 2, No. 3, Sep., 1996, pp. 517- 535. Disponível em:

http://townsendgroups.berkeley.edu/sites/default/files/strathern_cutting_the_network.pdf . Acesso em setembro de 2017.

SUNSTEIN, Cass. **#Republic**: divided democracy in the age of social media. Princeton: Princeton University Press, 2017. 279 p.

TARDÁGUILA, C.; BENEVENUTO, F.; ORTELLADO, P. Fake News Is Poisoning Brazilian Politics. WhatsApp Can Stop It. **The New York Times**. Oct. 17, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html>. Acesso em: 20 out. 2018.